

REIMAGINANDO NOSSO MUNDO JUNTAS/OS

ESTUDOS CONTEXTUAIS DA BÍBLIA SOBRE AS
MARCAS DA MISSÃO ANGLICANA E OS OBJETIVOS
DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

ÍNDICE



Parte 1

Materiais Introdutórios

• Prefácio	5
• Prólogo	6
• Introdução	8
• Introdução à Leitura Popular da Bíblia (LPB)	11
• Como usar estes estudos bíblicos, incluindo orientações de facilitação	12



Parte 2

As Boas Novas do Reinado: explorando as Cinco Marcas da Missão

1. Lucas 24: 13-35. A Jornada que transforma. Introdução ao processo da LPB: Ver, Julgar, Agir	16
2. Explorando as Cinco Marcas da Missão e a jornada à frente	20
3. Lucas 4:14-21 O manifesto de Jesus	24
4. Lucas 3:1-22 Batismo e toda uma vida de discipulado	26
5. Mateus 6:9-13 A oração que Jesus nos ensinou	30
6. Marcos 3:1-6 A imagem de Deus	32
7. João 9:1-41 Teologias Conflitantes	34



Parte 3

Transformando nosso mundo juntas/os: explorando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

8. Explorando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)	38
9. Paz e Justiça Lucas 6:17-28 Crianças de Deus	48
10. Pessoas. Marcos 6:30-44 Uma comunidade que compartilha	50
11. Prosperar(idade). Gênesis 2:4-15. Um mundo próspero	52
12. Planeta. Jó 12:1-13 Aprendendo com a criação	54
13. Parceria. Atos 4:32-3 Uma nova comunidade	56
14. Juntando tudo isso – Levítico 25. Proclamar a liberdade por toda a terra	58



Apêndices

1. Como surgiram estes estudos bíblicos	62
2. A equipe	63
3. Sugestão de uma estrutura litúrgica para os estudos	64
4. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) – sucessores dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – e como a Comunhão Anglicana está envolvida com eles	65
5. Declaração do Arcebispo da Cantuária sobre a Adoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável	68

PARTE 1

MATERIAIS INTRODUTÓRIOS



AS CINCO MARCAS DA MISSÃO ANGLICANA

- Proclamar as Boas Novas do Reinado de Deus
- Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
- Responder às necessidades humanas com amor
- Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
- Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra



 **OBJETIVOS**  **DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL**

PREFÁCIO

Boas-vindas a esse caminho enquanto viajamos juntas/os através desta série de Estudos Bíblicos Contextuais! Viajando juntas/os e refletimos sobre as Escrituras e os contextos desafiadores ao nosso redor. Viajando juntas/os e reimaginamos nosso mundo como um lugar de justiça, paz e florescimento para as pessoas e o planeta. Caminhando juntas/os e aprendemos como Deus nos convida a ajudar a moldar o Reino de Deus na Terra. Viajando juntas/os e confiamos que Jesus viaja conosco, como com suas discípulas e discípulos no Caminho de Emaús.

Na Aliança Anglicana, também nós temos estado em uma jornada nessa criação destes estudos bíblicos. O processo começou em 2019, quando um grupo de teólogas/os anglicanas/os e outras/os teólogas/os cristãs/ãos, biblistas e profissionais do desenvolvimento se encontraram em Pietermaritzburg, África do Sul, hospedados pelo inspirador Centro Ujamaa. Somos profundamente gratas/os a nossas/os amigas/os do Centro Ujamaa e a outros do grupo que colaboraram no processo de redação. Este recurso não existiria sem sua visão, criatividade, integridade e sabedoria.

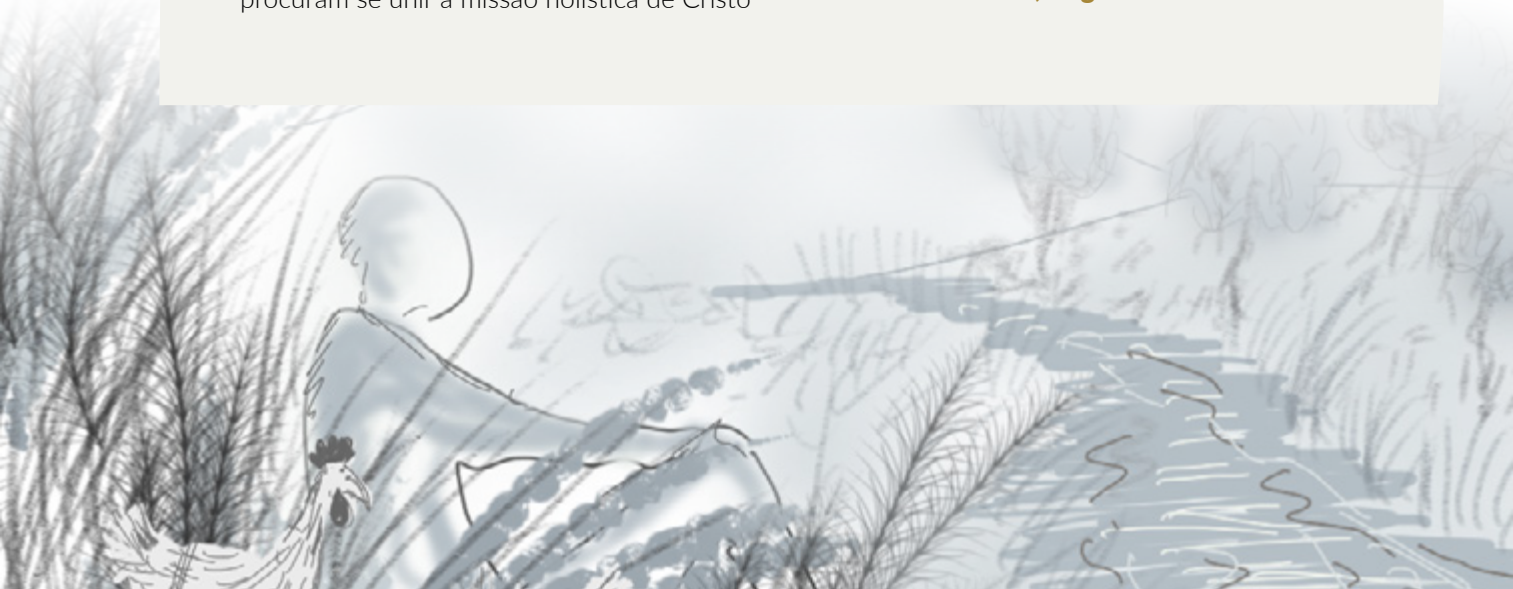
Percorrendo o processo radicalmente transformador da Leitura Popular da Bíblia ou dos Estudos Bíblicos Contextuais desenvolvidos pelo Ujamaa, exploramos como as Escrituras poderiam aprofundar nossa compreensão da forma das Cinco Marcas da Missão, através das quais as/os anglicanas/os procuram se unir à missão holística de Cristo

no mundo. Através desta lente, exploramos então como a Escritura e as Marcas da Missão poderiam moldar nosso engajamento com as Metas de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas, enquadrando a agenda global até 2030.

Nosso caminho desde 2019 nos levou através da pandemia global da Covid-19. Naqueles tempos traumáticos, revisitar os rascunhos destes Estudos Bíblicos nos trouxe profunda esperança e encorajamento enquanto refletíamos e orávamos sobre como o mundo poderia ser reimaginado e reestruturado. A pandemia revelou e aprofundou as desigualdades dentro e entre países, mas também mostrou o que a cooperação poderia alcançar se o mundo se comprometesse a trabalhar em conjunto pelo bem-estar da humanidade e de nossa casa comum, a Terra.

Os desafios que a humanidade e a própria Terra enfrentam atualmente não são fáceis, mas profundos, impactando principalmente os mais pobres de nossas comunidades. O que o chamado de Jesus “para pregar boas novas aos pobres” (Lucas 4:18) significa para nosso mundo de hoje? Nossa esperança e oração é que estes Estudos Bíblicos Contextuais nos permitam olhar juntas/os para nossos contextos, avaliá-los à luz da Escritura e responder em ação cheia de fé – ver, julgar e agir – com nosso coração em chamas, como aqueles discípulos de Emaús.

Revda Cônega Rachel Carnegie
Diretora Executiva, Anglican Alliance



PRÓLOGO

Leitura Popular da Bíblia, as Cinco Marcas da Missão e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Na África, a Leitura Popular da Bíblia surgiu como um método de estudo bíblico em meio à luta contra o apartheid na África do Sul. Em um contexto em que a Bíblia era usada para apoiar a discriminação racial sistêmica, a Igreja foi desafiada a discernir as “boas novas” que Jesus proclamou. Pregando em sua cidade natal, entre seu próprio povo, Jesus proclama que veio “para pregar boas novas aos pobres” (Lucas 4:18). Quais eram, perguntamos na África do Sul dos anos 1980, as “boas novas” para os pobres e marginalizados/os?

Em meio aos muitos pequenos grupos de pessoas cristãs na luta para trabalhar com Deus para que a vontade dele seja feita e para que venha o reinado de Deus assim na terra como no céu (Mateus 6:10), nos dedicamos a entender como poderíamos discernir “o evangelho” que representasse boas novas para as pessoas pobres e marginalizadas em meio à teologia discriminatória e destrutiva do estado do apartheid. Como proclamamos o Deus da vida abundante para todas/os (João 10:10) em meio à teologia idólatra do apartheid da morte?

O Documento Kairós da África do Sul (1985) preconizava uma “teologia profética”:

“Rumo a uma Teologia Profética.

Nosso KAIRÓS atual¹ exige uma resposta das pessoas cristãs que seja bíblica, espiritual, pastoral e, acima de tudo, profética. Não é suficiente, nestas circunstâncias, repetir princípios cristãos generalizados. Precisamos de uma resposta enérgica e incisiva, que seja profética por falar das circunstâncias particulares desta crise, uma resposta que não dê a impressão de “ficar em cima do muro”, mas que mostre uma tomada de posição clara e sem ambiguidade”.

A noção de “forma” teológica (como ela é estruturada, feita e apresentada) se tornou um meio útil de entender a teologia profética. Grande parte do foco do debate teológico na África do Sul dos anos 1980 se concentrava no “conteúdo” teológico. O que era inovador sobre a ideia de “forma” foi que ela mudou nossa compreensão de como podemos pensar sobre “teologia profética”. Começamos a falar sobre “a forma do evangelho”.

Identificamos essa forma profética em Lucas 4:18-19 quando Jesus proclama o manifesto do reinado de Deus.

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor”.

Em nosso entendimento, a forma do evangelho é que ele tem que ser “boas novas para os pobres”. O conteúdo das boas novas pode variar, conforme indicam as sentenças que vêm depois da primeira frase. Se colocarmos uma vírgula no final da primeira sentença, o que vem a seguir é uma explicação. Embora o conteúdo possa variar considerando as diferentes realidades contextuais dos pobres, o que permanece é a forma: o evangelho tem que ser boas novas para os pobres. Se o que proclamamos não são boas novas para os pobres, então não é o evangelho.

Quando discutimos esta noção da forma profética do evangelho, um dos participantes, em uma choupana entre os pobres e marginalizados no final dos anos 80 disse: “Então a boa nova é que Jesus está estabelecendo o reinado ou a família (“kin-dom”) de Deus².” Este foi um momento profundo de

insight teológico. Ao lado da noção mais conhecida de “reinado de Deus”, um cristão que vivia em uma choupana entendeu que Deus estava, em Cristo, construindo uma comunidade inclusiva, um reinado ou família (“*kin-dom*”). A forma do evangelho referia-se a construir uma comunidade inclusiva, na qual os pobres e marginalizados tivessem um lugar de destaque, orientando sobre quais sistemas sociais e teológicos precisavam ser transformados para a vinda do reinado de Deus, assim na terra como no céu.

Estes estudos bíblicos colocam a Leitura Popular da Bíblia em diálogo com as Cinco Marcas da Missão. As Cinco Marcas da Missão oferecem um entendimento anglicano da forma do evangelho. “Qual”, perguntamos nesses estudos bíblicos, “é a forma profética das Cinco Marcas da Missão? De que forma entendemos as Cinco Marcas da Missão como uma teologia profética coerente e integral?”

Lucas 4:18-19 é mais que uma série de afirmações não relacionadas; é uma formulação teológica coerente e integral do “evangelho”. Qual é o evangelho profético, segundo as Cinco Marcas da Missão? Estes Estudos Contextuais da Bíblia são um recurso para explorar a forma profética das Cinco Marcas da Missão e como esta forma profética nos permite estar profeticamente engajados com os Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável.

Prof Gerald West

Professor Emérito, Escola de Religião, Filosofia e Clássicos & Fellow da Universidade de KwaZulu & Membro do Conselho Consultivo, Ujamaa Centre for Community Development and Research



¹ KAIRÓS: um momento de crise, oportunidade e graça

² Kin – a família e os parentes de alguém, em inglês. Jesus deixa claro que a vontade de Deus deve ser feita na terra por aqueles que são sua família ou parentes: “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?” perguntou ele. Então olhou para os que estavam assentados ao seu redor e disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos! Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Marcos 3:33-35)

INTRODUÇÃO

Boas-vindas a estes estudos bíblicos!

Ao sairmos da pandemia de Covid-19, e frente às profundas crises globais com questões ambientais, conflitos e insegurança alimentar, encontramos novamente em um momento de Kairós: um momento de crise, oportunidade e graça. Paralelamente ao terrível sofrimento e perda de vidas, a pandemia evidenciou e exacerbou as desigualdades em nosso mundo, dentro dos países e entre eles; a violência baseada em gênero aumentou frente a níveis já inaceitáveis, assim como o racismo, o nacionalismo e as tensões baseadas em etnia. Neste momento, a humanidade tem a oportunidade de olhar diretamente para a realidade e fazer escolhas. Podemos aproveitar o momento para escolher uma recuperação justa e sustentável; ou, em cenários pessimistas, podemos perder a oportunidade e escolher reconstruir a mesma coisa – com as mesmas desigualdades, injustiças e ameaças para o bem-estar das pessoas e de nosso planeta. Porém, juntas/os, *escolhemos* o futuro. Juntas/os, podemos reimaginar nosso mundo.

“Nosso mundo enfrenta desafios muitos graves: A expansão de conflitos e da desigualdade. Condições climáticas extremas e intolerância mortal. Ameaças à segurança – inclusive armas nucleares. Temos as ferramentas e os recursos para superar esses desafios. Tudo o que precisamos é de vontade”.

António Guterres, Secretário Geral da ONU

Para as igrejas, esta é uma oportunidade de escutar a voz de Deus: o que ele tem a nos dizer sobre a transformação necessária para que o Reinado de Deus venha à terra – o reinado / a família (“*kin-dom*”) que vivemos como uma família humana em um lar compartilhado? O que aprendemos sobre como o mundo funciona? E como Deus nos chama a responder?

Inúmeras vezes o Livro da Apocalipse nos diz que: “Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas (Ap 2:7,11,17,29; 3:6,13,22). Este chamado espiritual nos leva a testemunhar o amor de Cristo no mundo. Sempre e eternamente, Jesus nos leva a viver o Evangelho no Mundo de Deus como membros de seu Corpo Único.

Este material é um convite para nos unirmos no ministério de difundir o amor de Cristo no mundo.

Como seguidoras/os de Jesus, somos chamadas/os a vivenciar o que acreditamos por meio da missão que ele nos incumbiu para compartilhar as Boas Novas do Reinado. As Escrituras nos dizem como Deus é capaz de fazer muito mais do que podemos sequer imaginar. Portanto, como pessoas de fé, oramos para que o Espírito se realize dentro de nós para nos ajudar a crescer como discípulas/os, amando a Deus e ao próximo, seguindo o Caminho de Jesus.

Começamos a desenvolver estes Estudos Contextuais da Bíblia antes da pandemia de Covid-19 e fizemos muitas revisões durante esse período. A experiência dos últimos anos trouxe ainda mais urgência e oportunidade para reimaginar e transformar nosso mundo, juntas/os.

Neste material, estimulamos a reflexão sobre a forma (estrutura) teológica das Cinco Marcas da Missão Anglicana. O primeiro grupo de estudos bíblicos nos ajuda a olhar novamente para o contexto, revisar as Escrituras para ouvir a Deus e sermos guiadas/os em uma ação plena de fé. Em seguida, oferecemos uma série de estudos bíblicos para colocar em discussão nossa compreensão da missão holística com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável lançados pela ONU em 2015.

Esperamos que estes estudos bíblicos as/os inspirem a caminhar juntas/os, contribuindo para um processo de reflexão, reimaginação e renovação.

“Não podemos nos contentar em voltar ao que era antes como se fosse normal...”

“É necessária uma ressurreição de nossa vida comum”.

Arcebispo da Cantuária, Justin Welby, Páscoa de 2020



Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e as Cinco Marcas da Missão Anglicana

Em 2015, o mundo lançou uma série de objetivos onde “Ninguém será deixado/o para trás” em sua ambição de eliminar a pobreza e a fome, garantindo vidas saudáveis, educação, água potável, saneamento, energia e trabalho decente para todas as pessoas, ao mesmo tempo cuidando do meio-ambiente. Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável constituem “um plano compartilhado para a paz e prosperidade das pessoas e do planeta, agora e para o futuro”, assinado por todos os 189 membros das Nações Unidas. Uma das características marcantes dos ODS é a amplitude de seu alcance e sua natureza holística – o reconhecimento de que “acabar com a pobreza e outras privações deve ser acompanhado de estratégias que melhorem a saúde e a educação, reduzam a desigualdade e estimulem o crescimento econômico – tudo isso enquanto enfrentamos a mudança climática e trabalhamos para preservar nossos oceanos e florestas” (ODS ONU Brasil).

Para algumas pessoas, a abrangência e a ambição dos Objetivos Globais são desafiadoras. Para outras, a amplitude não apenas é bem-vinda, mas vital – um reconhecimento de que é assim que a vida funciona: como um todo conectado, não como partes independentes. E muitas pessoas, especialmente nas igrejas e outras comunidades de fé, perceberam nos 17 objetivos algo familiar: uma expressão de *shalom* – de plenitude, florescimento e bem-estar tanto

para as pessoas quanto para o planeta – embora em linguagem secular.

Os Objetivos Globais têm especial ressonância para as pessoas anglicanas, que há muito tempo têm uma compreensão holística do que significa ser discípulas/os de Jesus e que compartilham sua missão permanente. Essa compreensão é expressa nas Cinco Marcas da Missão Anglicana, que são:

- Proclamar as Boas Novas do Reinado de Deus
- Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
- Responder às necessidades humanas com amor
- Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
- Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra

O Arcebispo da Cantuária deu as boas-vindas à adoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em 2015 dizendo: “A Humanidade é chamada à justiça, à compaixão e a se colocar ao lado das pessoas empobrecidas. Se enraizarmos nossa

resposta às aflições da extrema pobreza e outros grandes problemas globais nesses valores, podemos garantir que os Objetivos Globais forneçam uma visão e uma estrutura através da qual todas/os nós possamos desempenhar um papel no trabalho para um mundo mais justo, no qual todas as pessoas tenham a oportunidade de florescer e onde ninguém seja deixada/o para trás.

“Nossa resposta, hoje e nos próximos anos, deve procurar seguir o padrão sacrificial de amor e liderança servicial que é demonstrado perfeitamente na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Os poderosos são chamados a servir, os ricos a dar, e os vulneráveis a serem acalentados, para que possam florescer e permanecer fortes”

“Minha oração hoje é para que todas/os nós tenhamos a coragem de viver para o bem comum; a agir com justiça, a amar a misericórdia, e caminhar humildemente em busca de um mundo livre da pobreza e da injustiça.”

Estes estudos bíblicos buscam estabelecer um diálogo entre as Marcas da Missão Anglicana e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Seu objetivo é ajudar as pessoas anglicanas de toda a Comunhão a explorar ambos – sempre por meio de um profundo envolvimento com as Escrituras e sempre com raízes na realidade vivida das/os participantes. Eles foram elaborados com objetivo de formação – ajudar a desenvolver o discipulado intencional e o reinado de Deus na terra.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são frutos de extensa e intensa consulta e colaboração e, inevitavelmente, não satisfazem a todas/os. Contudo, são o melhor – e único – modelo que temos neste momento, acordado pelo mundo todo para guiar nosso futuro em comum. Apoiar os Objetivos Globais não significa que não devemos nos engajar com eles de forma crítica. Em especial, a ambição de promover o crescimento econômico é questionado por algumas pessoas que o consideram insustentável para o ambiente. Nossa perspectiva é que não devemos permitir que o perfeito seja inimigo do bom. Ao invés disso, devemos acolher as aspirações vivificantes dos Objetivos Globais, enquanto nos envolvemos com elas à luz da esperança evangélica de vida abundante para todas as pessoas (João 10:10).

Esperamos que, ao realizar estes estudos bíblicos, você sinta o mesmo entusiasmo que sentimos ao criá-los. Os Primazes da Comunhão Anglicana solicitaram que a Aliança Anglicana trabalhasse junto com as províncias para produzi-los e a jornada foi empolgante. Nós nos sentimos verdadeiramente abençoadas/os ao longo desta empreitada, sentindo o movimento do Espírito Santo de Deus e vendo o Corpo de Cristo global não apenas como uma metáfora, mas em ação e como uma realidade vivida.

O processo reuniu grandes estudiosas/os da Bíblia, teólogas/os, militantes e profissionais de desenvolvimento de todo o mundo, cada uma/um contribuindo com sua experiência, *insights* e perspectiva particular. Temos uma dívida de gratidão com todos que contribuíram e particularmente às/aos participantes do Ujamaa Centre, da Universidade de KwaZulu-Natal da África do Sul, cuja experiência na criação dos Estudos Contextuais da Bíblia – e a generosidade em compartilhá-la – foi essencial para este empreendimento.

Nos apêndices, você encontrará mais informações sobre os Objetivos Globais, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e como a Comunhão Anglicana se engajou a eles.

Abaixo, seguem as orientações sobre como usar os estudos bíblicos, um guia para facilitadoras/es e observações sobre a metodologia por trás dos estudos.

Mas, por ora, desejamos a vocês todas as bênçãos ao iniciarem estes estudos.

A Aliança Anglicana, o Ujamaa Centre e toda a equipe de criação.

Consulte o Apêndice 2 para conhecer toda a equipe de criação.

Introdução a Estudos Contextuais da Bíblia

O Estudo Contextual da Bíblia é um meio de nos engajarmos profundamente com as Escrituras e refletirmos sobre as realidades que vivemos, a fim de discernir o que Deus pode estar nos dizendo – e nos chamando a agir em resposta.

Esta forma de fazer o estudo bíblico tem uma longa linhagem teológica. Ele foi criado no movimento dos Padres Operários Católicos Franceses dos anos 40 do século passado e mais tarde se desenvolveu em dois contextos específicos: África do Sul e América Latina. Tem sido usado e desenvolvido nessas regiões com comunidades que vivem duras realidades, incluindo pobreza, desigualdade, racismo e HIV/AIDS, e trouxe esperança e transformação. Um dos facilitadores e desenvolvedores da metodologia dos Estudos Contextuais da Bíblia (ou Leitura Popular da Bíblia, como chama-se na América Latina), o Prof. Gerald West, descreve suas origens no prólogo.

Os componentes da Leitura Popular da Bíblia

Existem três componentes nesta forma de fazer o estudo bíblico.

1. **VER** – análise dos sinais dos tempos em nosso contexto específico (Mateus 16:2).
2. **JULGAR** – releitura conjunta das Escrituras dentro de nossas realidades contextuais para discernir a perspectiva profética nessas realidades (Marcos 12:24).
3. **AGIR** – resposta em ação, trabalhando com Deus para realizar a vontade de Deus em nosso contexto, “assim na terra como no céu” (Mateus 6:10).

Esse processo em três etapas é uma maneira útil de estruturar ou dar forma a nosso aprendizado.

1. VER.

O primeiro componente do processo envolve uma análise cuidadosa e crítica do mundo particular em que vivemos, com ênfase na experiência dos setores mais marginalizados dentro desse mundo. Analisar nosso contexto é um exercício em grupo, envolvendo as pessoas que compartilham essa realidade vivida.

2. JULGAR.

O segundo componente do processo envolve uma releitura das Escrituras, pois juntas/os discernimos o que Deus pretende para nossa realidade vivida. Será que essa realidade vivida está de acordo com o reinado/família (“*kin-dom*”) de Deus “assim na terra como no céu”? (Mateus 6:10). A ideia de reinado/família (“*kin-dom*”) é que Deus em Cristo está construindo uma comunidade inclusiva, na qual os pobres e marginalizados têm um lugar fundamental, um parentesco (“*kin*” = família, parentes, em inglês). Para uma explicação mais detalhada sobre reinado (“*kin-dom*”), consulte o prólogo.

3. AGIR.

O terceiro componente do processo em três etapas identifica ações colaborativas para transformação e mudança. Se a realidade vivida não é compatível com a visão de Deus para o reinado/família (“*kin-dom*”) de Deus na terra, então é preciso agir com Deus para mudar essa realidade vivida.

Quando agimos para mudar a realidade em que vivemos, temos que continuar com o ciclo, refletindo novamente sobre nossa ação, que transformação ela trouxe e o que mais precisa ser feito. O processo em três etapas começa novamente. De fato, o processo em três etapas é uma forma de disciplina espiritual, um meio de vida para a pessoa de fé.

O processo Ver-Julgar-Agir pode, como alternativa, ser resumido em “coletar”, “refletir”, “entrar em ação”. Os termos que usamos não são importantes; o que importa é o processo de aprendizado em três etapas.

O processo de aprendizado reflete a narrativa da jornada dos discípulos a Emaús e então a Jerusalém no Evangelho de Lucas (Lucas 24:13-35). Isso é explorado no primeiro estudo bíblico.

Facilitando o Estudo Contextual da Bíblia

Embora o processo em três etapas forneça o formato geral para nosso aprendizado e transformação, a facilitação cuidadosa é essencial para que todas as pessoas participantes se sintam seguras e contribuam totalmente. O guia prático para facilitação é fornecido abaixo.

No coração do Estudo Contextual da Bíblia ou Leitura Popular da Bíblia está o diálogo. O diálogo nos une em um profundo compromisso tanto entre nós quanto com nosso contexto particular. Ele é mais que uma conversa educada ou uma técnica didática. É uma prática transformadora, que reformula nossos relacionamentos e nossos contextos. O papel da/o facilitadora/or é proporcionar um espaço que viabilize esse diálogo.

O Estudo Contextual da Bíblia é mais eficaz quando também nos envolvemos com nossa prática espiritual. Quando trabalhamos juntas/os para que o Reinado (“*kin-dom*”) de Deus venha à terra, devemos trabalhar dentro de uma liturgia plena de fé, formal ou informal, incluindo cantos, orações e outros rituais da fé.

A narrativa de Lucas sobre a jornada dos discípulos a Emaús (Cleófas, e talvez Maria sua esposa) e seu diálogo com o Jesus Ressuscitado é uma exposição maravilhosa do processo de aprendizado em três etapas, de facilitação e de prática espiritual, neste caso, a eucaristia.

Cinco princípios são importantes em nossa jornada compartilhada:

Solidariedade – Uma nova maneira de ser e compartilhar em vida, juntas/os, à medida de avançamos para um novo mundo possível.

Diálogo – Uma maneira tradicional de viajarmos juntas/os.

Criatividade – Uma nova maneira de lutar por uma nova sociedade.

Sustentabilidade – Uma nova maneira de viver no mundo e interagir com toda a criação.

Oração/Espiritualidade – Uma maneira tradicional de ler e meditar sobre a palavra de Deus para transformação.

Sugestões para Facilitadores(as) dos Grupos

Estes estudos bíblicos foram feitos para grupos. Eles podem ser usados individualmente, mas seu potencial transformador se origina de um grupo de pessoas reunidas para ler, ouvir e caminhar juntas em comunidade.

São também elaborados como uma série, organizados em uma ordem deliberada de progressão. Porém, podem ser usados separadamente, de acordo com o que a comunidade quer e precisa.

O processo aqui sugerido precisará ser contextualizado e adaptado às diferentes realidades enfrentadas pelas igrejas nas diferentes partes do mundo. É vital ouvir uns aos outros e ouvir os sinais dos tempos em nossos contextos.

Recentemente, o mundo enfrentou o trauma da pandemia de Covid-19, e crises contínuas de conflito, clima e segurança alimentar. É importante refletir sobre o impacto dessas crises em que for apropriado em cada contexto: dar tempo para lamentar o sofrimento e as vidas perdidas, reconhecer e arrepender-se do impacto injusto sobre as pessoas mais pobres e mais vulneráveis, e identificar as sementes da esperança e o chamado à ação.

Também é possível realizar estes estudos bíblicos online, como foi necessário durante a pandemia de Covid-19. Também pode ser interessante reunir-se online para estabelecer uma conexão com grupos que vivem em lugares diferentes para uma reflexão conjunta sobre os contextos de cada um e reler juntas/os as Escrituras.

Você saberá qual é a melhor forma de acompanhar seu grupo. Oferecemos aqui algumas sugestões que as pessoas consideraram úteis para estruturar e facilitar a reunião do grupo.



Preparação para a sessão

- O Estudo Contextual da Bíblia é uma forma participativa e colaborativa de estudo bíblico. É essencial realizar uma boa facilitação, com uma/um facilitadora/o (ou mais) previamente preparada/o.
- Estes estudos bíblicos são elaborados para uma reunião de cerca de 1,5 a 2 horas – mas podem ter a duração que o grupo quiser. A/O facilitadora/or deve verificar o tempo disponível e adaptar o estudo conforme necessário para uma boa discussão.
- Se possível, forneça uma cópia da folha mostrando as Marcas da Missão e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável a cada participante. (ver página XXX)
- Planeje apropriadamente o local; é importante tentar visitar e examinar o local antes de facilitar o estudo bíblico.
- Se possível, decore-o com materiais da natureza, talvez alguma coisa que simbolize o tema do estudo bíblico e velas (quando for seguro e apropriado).
- Quando possível, use mais de uma versão do texto bíblico, pois isso ajuda a ouvir as diferentes perspectivas das traduções para esclarecer o significado.

Abertura da sessão

- Conduza o estudo bíblico dentro de um ambiente espiritual e litúrgico, no qual a oração e o trabalho / estudo (*ora et labora* – da espiritualidade beneditina) possam se unir e entrelaçar. Liturgia, ritual e simbolismo são importantes para muitas/os participantes, porque envolvem as emoções das pessoas. Isto

pode ser tão importante quanto o trabalho mais intelectual da discussão do estudo bíblico na formação das pessoas.

- O Apêndice 3 traz uma sugestão de um esquema realizado e testado. Trata-se de uma oferta de ideias, que você pode gostar de usar para estruturar seu estudo bíblico. Cabe a você decidir como (ou se) vai usá-las. Por exemplo, você pode optar por começar seu tempo juntas/os com os elementos litúrgicos de lamento e arrependimento, depois passar ao estudo bíblico e retornar aos elementos litúrgicos de esperança e a chamado à ação para terminar sua sessão. Ou pode preferir inserir os diferentes elementos litúrgicos ao longo do estudo bíblico.
- Comece acendendo a vela e com um momento de silêncio, oração e talvez uma música para estabelecer o espírito do tempo em que estarão juntas/os. Pode usar o livro de orações da igreja ou outra forma criativa, conforme desejar. Mesmo se a reunião for online, também é recomendável acender e mostrar uma vela antes de abrir com uma oração.
- Você pode também usar atividades de integração para criar um ambiente seguro e amigável para o compartilhamento.
- Para incentivar manifestações iniciais, é interessante passar um objeto simbólico (por exemplo, uma vela, uma flor ou uma bola) pelo grupo, onde cada participante segura o objeto enquanto fala. Segurar um objeto permite que quem fala olhe para ele em vez de olhar para as outras pessoas, o que tende a deixar a pessoa menos consciente de si mesma e mais aberta para compartilhar. Caso as pessoas não queiram falar nada, elas podem simplesmente repassar o objeto. Você pode continuar a passar o objeto entre quem está falando, se o grupo quiser.

Condução da sessão

- Toda pessoa é importante. Todas são feitas à imagem e semelhança de Deus e todas são amadas por Deus. A voz e a contribuição de cada uma são valiosas. Garanta que haja espaço para que todas as pessoas falem, embora ninguém deva se sentir obrigada/o a falar. Estimule quem gosta de falar muito a dar espaço para as outras pessoas.
- Ajude a criar um ambiente seguro. Estimule todas as pessoas a se manifestar de forma aberta e a ouvir as outras sem julgamento. Com a ajuda de Deus, com o tempo, iremos juntas/os descobrir novas ideias.
- Se o grupo quiser, pode ser útil estabelecer um “contrato social” para as reuniões. O que queremos que aconteça e o que não queremos que aconteça? Isso leva as/os participantes a tomarem a reunião como sua responsabilidade também e todas/os são responsáveis por cumprir as regras acordadas. Elas podem incluir: desligar os celulares ou colocá-los no modo de vibração/silencioso, respeitar quem está falando, não interromper, levantar a mão quando quiser falar, comprometer-se a ouvir atentamente a todas/os mesmo se discordar, e assim por diante.
- Depois de ler o texto sugerido uma ou duas vezes, ou em diferentes traduções, seria interessante dividir as pessoas em pequenos grupos para responder às questões propostas. É recomendável fornecer cópias impressas das perguntas ou escrevê-las em um mural, papelógrafo ou quadro negro/branco ou projetá-las em uma parede.
- Às vezes, sugerimos uma leitura “dramatizada” ou “dramática” da passagem bíblica. Com isto, queremos dizer que diferentes participantes assumam a voz de personagens diferentes da história, com outra pessoa assumindo o papel de narradora/or para o resto. Cada pessoa pode então dar vida ao personagem, lendo suas palavras da forma que imaginam que ele possa ter dito.
- Recomendamos que as primeiras duas perguntas sejam discutidas pelo grupo todo. Para a pergunta 1, a/o facilitadora/or pode estimular a conversa e a troca de ideias entre pessoas

sentadas lado ao lado. Para a pergunta 2, a/o facilitadora/or pode oferecer a cada pessoa a oportunidade de dizer em voz alta o que ela acha que o texto quer dizer com a contribuição de cada pessoa afirmada.

- Recomendamos que as demais perguntas sejam discutidas em grupos menores, de 3 a 5 pessoas, conforme apropriado. Cada pequeno grupo terá a oportunidade de apresentar suas respostas para o grupo completo. As perguntas podem ser agrupadas antes da exposição e depois a discussão será retomada para responder as perguntas restantes.
- Pode ser interessante incluir uma pausa para o café/água, que propiciará um espaço para a conversa informal.

Registro da discussão e encerramento da sessão

- É importante valorizar o processo de exposição das respostas, reconhecendo as contribuições de cada pessoa e de cada pequeno grupo.
- Quando apropriado, é de grande valor registrar o processo, seja escrevendo em grandes folhas de papel na parede ou em quadros brancos/negros ou com gravações de voz (com a devida permissão).
- Afirme o que foi compartilhado na discussão e os compromissos para ação. Confirme a próxima reunião. Convide alguém para encerrar a reunião com uma oração.
- A Aliança Anglicana gostaria de receber feedback e fotos para que possamos compartilhar a experiência dos grupos e suas reflexões com outras pessoas. (e-mail: AnglicanAlliance@aco.org). Se for postar algo por favor adicionar para Facebook [@AnglicanAlliance](https://www.facebook.com/AnglicanAlliance), para Twitter [@AngliAlliance](https://twitter.com/AngliAlliance), para Instagram [@anglican_alliance](https://www.instagram.com/anglican_alliance)

A próxima seção começa com um estudo bíblico que usa a história do Caminho para Emaús (Lucas 24: 13-35) para refletir sobre o processo do Estudo Contextual da Bíblia. Oramos para que você e seu grupo se deixem inspirar, motivar e que sejam abençoadas/os por essa jornada conjunta.

PARTE 2

AS BOAS NOVAS DO
REINADO DE DEUS:
EXPLORANDO AS
CINCO MARCAS DA
MISSÃO ANGLICANA



Notas às/aos facilitadoras/es

- Favor consultar as observações gerais a partir da página 12.
- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão. Ajude o grupo a descrever as realidades que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos. A “comunidade” pode ser muito local (a área onde vive) ou mais ampla (estado ou região). O objetivo é descobrir o que preocupa as pessoas que estão fazendo o estudo bíblico.
- Nas manifestações iniciais, é interessante passar um objeto simbólico (por exemplo, uma vela, uma flor ou uma bola) pelo grupo, onde cada participante segura o objeto enquanto fala.
- As caixas de texto fornecem informações gerais para a/o facilitadora/or.

SESSÃO 1



LUCAS 24:13-35

O caminho que transforma

Introdução ao processo da Leitura Popular da Bíblia ou Estudo Contextual da Bíblia – Ver, Julgar, Agir

Esta sessão introdutória familiariza as/os participantes com o processo de três etapas que usaremos nos estudos bíblicos “Reimaginando Nosso Mundo Juntas/os”, com o estudo da passagem das Escrituras que inspirou a metodologia da Leitura Popular da Bíblia ou Estudos Contextuais da Bíblia. Lucas 24:13-35 é a narrativa da jornada dos discípulos a Emaús e a volta a Jerusalém. Nela, vemos como Jesus acompanhou seus discípulos, permitindo a eles aprender e mudar. Jesus ajudou os discípulos a **ver**, analisando seu contexto, a **julgar**, relendo as Escrituras para discernir os propósitos de Deus, e então **agir**, com uma ação plena de fé.

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Vamos ouvir uma leitura de Lucas 24:13-35. A que achamos que este texto se refere?
3. Quem são os principais personagens e o que sabemos sobre eles? Se quiser, mostre figuras (desenho, drama) dos personagens.
4. Leia novamente os versículos 13-24. O que os discípulos estão discutindo? Como Jesus se comportou quando se juntou a eles?
5. Leia novamente os versículos 25-27. Depois que Jesus ouviu os discípulos, o que ele fez? Como ele os ajuda a discernir os propósitos de Deus para o mundo?
6. Leia novamente os versículos 28-35. Com Jesus, os discípulos analisaram seu contexto e refletiram sobre as escrituras. Como eles responderam?
7. Ao final da história, foi restaurado o sentido de esperança, propósito e solidariedade. Como isso aconteceu? Qual é o papel dos discípulos em Emaús e de volta a Jerusalém?

8. A jornada dos discípulos a Emaús e de volta a Jerusalém é uma inspiração para o processo em três etapas usado nestes Estudos Contextuais da Bíblia: ver, julgar e agir.

Ver – análise dos sinais dos tempos em nosso contexto específico

Julgar – releitura conjunta das Escrituras dentro de nossas realidades contextuais para discernir a perspectiva profética nessas realidades

Agir – responder em ação, trabalhando com Deus para realizar a vontade de Deus em nosso contexto. Onde encontramos esses três elementos nesta história da Bíblia?

9. Você já vivenciou um encontro em que seu coração arde dentro de você (versículo 32) e foi impulsionado à ação? Há alguma coisa fazendo seu coração arder nestes tempos atuais? Como você pode ser chamado a agir?

O caminho para Emaús e a volta a Jerusalém:

Uma base das Escrituras para o Processo de Leitura Popular da Bíblia ou Estudos Contextuais da Bíblia

O processo usado na Leitura Popular da Bíblia (LPB) ou Estudos Contextuais da Bíblia (ECB) é inspirado pelo Evangelho de Lucas (Lucas 24:13-35). Esta narrativa da viagem dos discípulos a Emaús e depois de volta a Jerusalém é marcada pela maneira própria de Jesus de acompanhar e permitir que seus discípulos aprendam e mudem.

Ver: Analisando o contexto

“E eis que no mesmo dia iam dois deles para uma aldeia, que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús. E iam falando entre si de tudo aquilo que havia sucedido”. (Lucas 24:13-35)

Através do diálogo e de uma jornada compartilhada, os discípulos começaram a refletir sobre seu contexto. Eles dialogam com seu contexto e entre si, analisando juntas/os os sinais dos tempos. O contexto e seu mundo relacionado são o ponto de partida para fazer a teologia que é relevante e transforma vidas. Da mesma forma, a LPB/ECB começa em uma caminhada conjunta e compartilhando histórias, incluindo as pessoais, comunitárias, políticas, religiosas e espirituais.



E aconteceu que, indo eles falando entre si, e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou, e ia com eles. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que o não conhecessem. (Lucas 24:15-16)

A análise contextual e o diálogo colaborativo de fé são habitados por Cristo. Jesus acompanha as pessoas que estão envolvidas na análise de seu contexto. Uma jornada trivial se torna uma jornada sagrada; um diálogo trivial se torna um diálogo sagrado. A teologia é sempre contextualizada; a teologia é sempre dialógica.

E ele lhes disse: "E ele lhes disse: Que palavras são essas que, caminhando, trocáis entre vós, e por que estais tristes? E, respondendo um, cujo nome era Cleófas, disse-lhe: És tu só peregrino em Jerusalém, e não sabes as coisas que nela têm sucedido nestes dias? E ele lhes perguntou: Quais? E eles lhe disseram: As que dizem respeito a Jesus Nazareno, que foi homem profeta, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo; E como os principais dos sacerdotes e os nossos príncipes o entregaram à condenação de morte, e o crucificaram. E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel; mas agora, sobre tudo isso, é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram. É verdade que também algumas mulheres dentre nós nos maravilharam, as quais de madrugada foram ao sepulcro; E, não achando o seu corpo, voltaram, dizendo que também tinham visto uma visão de anjos, que dizem que ele vive. E alguns dos que estavam conosco foram ao sepulcro, e acharam ser assim como as mulheres haviam dito; porém, a ele não o viram." (Lucas 24:17-24).

Jesus acompanha o ritmo dos discípulos, faz perguntas e escuta. Jesus demonstra o que é preciso para analisar nosso contexto. Ele começa onde os discípulos estão, com a compreensão deles sobre sua realidade, mas depois continua a sondar e aprofundar a análise através de um diálogo facilitado.

Julgar: Releitura das Escrituras para discernir a perspectiva de Deus

E ele lhes disse: "Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória?" E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras. (Lucas 24:25-27)

Diálogo não é simplesmente uma conversa educada. Diálogo pode trazer o confronto, embora com respeito. Jesus revisita as Escrituras com os discípulos. A Igreja frequentemente é complacente em sua compreensão das Escrituras. Aprendemos com Jesus que, se quisermos que nós e nosso contexto sejamos transformados é necessário reler as Escrituras. Elas e sua interpretação são recursos vitais para discernirmos a perspectiva de Deus sobre como as pessoas e o planeta podem viver e florescer juntas/os em um relacionamento justo. Jesus traz a realidade viva dos discípulos para o diálogo com a voz profética das Escrituras, transformando sua compreensão das mesmas e de si mesmos e de seu contexto. A jornada dos discípulos se torna uma jornada de transformação com a releitura das Escrituras: "sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus" (Romanos 12:2).

Agir: Ação plena de fé

E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe. E eles o constrangeram, dizendo: “Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia”. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lho deu. Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes. E disseram um para o outro: “Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as Escrituras?” E na mesma hora, levantando-se, tornaram para Jerusalém, e acharam congregados os onze, e os que estavam com eles, os quais diziam: Ressuscitou verdadeiramente o Senhor, e já apareceu a Simão. E eles lhes contaram o que lhes acontecera no caminho, e como deles fora conhecido no partir do pão. (Lucas 24:28-35)

A prática da teologia leva à ação. A análise contextual e a releitura das Escrituras modificaram os discípulos. Eles agem. Sua primeira ação é oferecer hospitalidade, aprofundando a oportunidade de análise, reflexão e diálogo. Jesus facilitou a releitura das Escrituras. Jesus facilitou o diálogo colaborativo em profundidade. Os discípulos respondem, oferecendo hospitalidade. Eles foram transformados ao praticarem a teologia desta maneira.

Mas a transformação está incompleta sem as práticas de fé. É apenas na refeição eucarística que os discípulos compreendem totalmente. É claro, a refeição que compartilharam com Jesus é uma refeição comum, um ato de hospitalidade. Mas é também sacramental, e oferece outro recurso para transformação, e então a ação. O uso da “razão”, uma virtude anglicana, não é suficiente por si só. A formação requer recursos intelectuais e sacramentais. O compartilhar inclusivo de uma refeição se torna um lugar de elementos adicionais para transformação e ação. A primeira ação dos discípulos é oferecer hospitalidade. A segunda é retornar a Jerusalém com um novo mandado de fé para assumir a obra de Jesus, para construir uma comunidade resiliente, comprometida e missionária.

O processo em três etapas de Ver, Julgar, Agir – “analisar”, “refletir”, “entrar em ação” – é vivenciado pelos discípulos. Esse processo é assumido e compartilhado dentro desta série de Estudos Contextuais da Bíblia na interligação entre as Cinco Marcas da Missão e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Oramos para que estes recursos fundamentem uma análise cuidadosa e profunda de nossos contextos, uma releitura profética das Escrituras, e a ação plena de fé para participar na missão de Deus de trazer as boas novas para os pobres.

Este material é adaptado de **God’s Justice: Just Relationships between Women and Men, Girls and Boys (Justiça de Deus: Relacionamentos Justos entre Mulheres e Homens, Meninos e Meninas)** – Materiais de estudo para uso pelas Escolas Teológicas, Seminários, Cursos e Programas de Educação Teológica na Comunhão Anglicana.

Notas às/aos facilitadoras/es

- Esta atividade ajuda o grupo a refletir sobre a natureza holística e integral da missão. Ela traz uma introdução necessária para os Estudos Contextuais da Bíblia seguintes, que refletem sobre nosso contexto e sobre as Escrituras para explorar como podemos, juntas/os, vivenciar as Marcas da Missão, participando da missão de Deus no mundo.
- Cada participante / grupo precisará de caneta e papel.

SESSÃO 2



Explorando as Cinco Marcas da Missão e a jornada à frente

Perguntas para Discussão

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. O que a palavra “missão” significa para você? Individualmente ou em grupo, façam um desenho ou escrevam algumas palavras e compartilhem.
3. Escreva as Cinco Marcas da Missão Anglicana em um quadro ou faça uma leitura conjunta.

As Cinco Marcas da Missão Anglicana são:

- Proclamar as Boas Novas do Reinado de Deus
- Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
- Responder às necessidades humanas com amor
- Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
- Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra

Observação: As Marcas da Missão foram inicialmente adotadas pela Comunhão Anglicana em 1984 por meio do Conselho Consultivo Anglicano. Posteriormente, foram ampliadas para as atuais Cinco Marcas da Missão Juntas, as Cinco Marcas da Missão expressam a compreensão da Comunhão sobre a natureza holística da missão.

4. Dedique algum tempo para reflexão sobre as Cinco Marcas da Missão. Vocês já as conheciam antes ou ainda não estão familiarizadas/os com elas? Para você, o que se destaca sobre as Cinco Marcas?
5. Coloquem seus desenhos e palavras ao lado da lista escrita no quadro. Onde existe sobreposição? Existem lacunas? Onde e por quê?

Nestes estudos bíblicos, iremos explorar as Cinco Marcas da Missão e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Entretanto, não iremos olhar para cada uma das Cinco Marcas da Missão individualmente. Nem iremos fazer um estudo bíblico de cada um dos 17 Objetivos Globais! Em vez disso, vamos explorar a “forma” profética de ambos – discernindo e refletindo sobre como são coesos e sobre como se parecem em seu todo (o que lhes dá substância; o que está em seu âmago) – e escutar o que têm a dizer entre si.

Faça uma leitura conjunta da caixa de texto abaixo sobre a forma profética. Ela descreve como surgiu o conceito de “forma” profética.

As Cinco Marcas da Missão frequentemente são vistas como cinco áreas separadas da missão. Tendemos a pensar sobre elas como cinco peças de um conteúdo, talvez enumeradas em ordem de importância. No entanto, elas devem ser entendidas como um todo: todas fazem parte da missão e, juntas, dão testemunho do amor permanente de Deus pelo mundo.

Na primeira marca, “proclamação”, é identificada tanto com a palavra como com a ação: compartilhar a Boa Nova do Reinado e vivenciá-la em vida inspirada em Jesus. As marcas da missão subsequentes desenvolvem e descrevem isso em termos práticos.

6. Juntas/os, releiam as Cinco Marcas da Missão, desta vez retirando os números e colocando uma vírgula no final da primeira marca, para que o que vem em seguida se torne uma explicação, como mostrado abaixo.

Proclamar as Boas Novas do Reinado de Deus:

- Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
- Responder às necessidades humanas com amor
- Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
- Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra

Discutir:

- Como isso muda a forma de entendermos a missão?
- Como isso dá uma “forma profética” às Marcas da Missão?
- Como podemos vivenciar as Marcas da Missão em palavra e ação para proclamar as Boas Novas do Reinado?



O que queremos dizer com “forma profética”

Quando falamos de “forma” do evangelho, queremos dizer sua narrativa abrangente. Trata-se de olhar o quadro maior – como é o evangelho como um todo. Para usar uma metáfora, é ver a floresta, não apenas as árvores individualmente.

Por “profético”, não queremos dizer predizer o futuro, e sim ouvir a Deus, falar por Deus e agir por Deus em um tempo, lugar e contexto específico. Isso é o que os profetas do Antigo Testamento fizeram.

As origens da ideia da forma profética

A noção de “forma” teológica surgiu como uma maneira útil de pensar sobre o evangelho em meio à luta contra o apartheid.

Na África do Sul dos anos 1980, a Bíblia foi usada para apoiar a discriminação racial sistêmica. Foi usado um conteúdo bíblico específico para justificar o apartheid e grande parte do debate teológico se concentrou nesse “conteúdo” teológico.

Naquele contexto, a Igreja foi desafiada* a desenvolver uma teologia profética que se opusesse à teologia discriminatória e destrutiva do estado

do apartheid. A palavra “profética” é usada aqui em seu significado de falar a palavra de Deus no contexto particular.

Ao trabalharmos direcionadas/os para essa teologia profética, em vez de olharmos para um conteúdo específico, começamos a falar sobre a “forma do evangelho”.

Identificamos essa forma profética em Lucas 4:18-19 quando Jesus proclama o manifesto do reinado de Deus.

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor”.

Lucas 4:18-19 é mais que uma série de afirmações não relacionadas; é uma formulação teológica coerente e integral do “evangelho” ou das boas novas. Se colocarmos uma vírgula no final da primeira sentença, o que vem a seguir é uma explicação.

O conteúdo das boas novas pode variar, conforme indicam as sentenças que vêm depois da primeira frase. Porém, embora o conteúdo possa variar considerando as diferentes realidades contextuais das pessoas pobres, o que permanece é a forma: o evangelho tem que ser boas novas para os pobres. E se o que proclamamos não são boas novas para os pobres, então não é o evangelho.

Quais eram, perguntamos na África do Sul dos anos 1980, as “boas novas” para os pobres e marginalizados?

Prof Gerald West

**No documento Kairós. Para uma explicação mais completa sobre “forma profética” favor consultar o Prólogo. Está somente em inglês.*



Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade e o contexto em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.
- Nas manifestações iniciais, é interessante passar um objeto simbólico (por exemplo, uma vela, uma flor ou uma bola) pelo grupo, onde cada participante segura o objeto enquanto fala.
- As caixas de texto fornecem informações gerais.

SESSÃO 3



LUCAS 4:14-21

O manifesto de Jesus

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Ouça a leitura de Lucas 4:14-21, se possível em duas ou três versões. A que você acha que este texto se refere?
3. Jesus diz que “o Espírito do Senhor” o ungiu para fazer cinco coisas. Quais são essas cinco coisas?
4. Releia o versículo 18-19 em várias versões. Quem são os pobres, os prisioneiros, os cegos e as pessoas oprimidas/contritas do coração no tempo de Jesus? Você pode encontrar um exemplo de cada um deles nos evangelhos?
5. O que esses grupos (categorias) de pessoas têm em comum?
6. “O ano da graça do Senhor” é uma referência ao ano do Jubileu, em Levítico 25. Leia as observações na caixa sobre Levítico 25. Como são as boas novas do ano da graça do Senhor?
7. Quem são os pobres, os prisioneiros, os cegos e os oprimidos/contritos do coração em nosso contexto? O que significaria para eles as boas novas do jubileu?
8. Releia as Cinco Marcas da Missão. Como esse texto bíblico se relaciona e dá forma às Marcas da Missão como um todo (sua “forma profética”)?
9. Como participaremos das Boas Novas do jubileu de Deus?



CINCO MARCAS DA MISSÃO

- Proclamar as Boas Novas do Reinado de Deus;
- Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
- Responder às necessidades humanas com amor
- Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
- Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

Ano do Jubileu – Observações sobre Levítico 25

O capítulo 25 do Levítico contém as Leis de Santidade sobre os Anos Sabáticos e o Jubileu. Aqui lemos sobre os direitos à terra e morada, a libertação dos escravos e o perdão das dívidas. As terras agrícolas também precisam descansar – é dado um tempo para que a terra se restaure. O ano do Jubileu é o auge de sete ciclos de sete anos sabáticos (7 X 7 anos), sendo o ano seguinte, o quinquagésimo, um tempo sagrado em que “apregoareis liberdade na terra a todos os seus moradores”. É um superano Sabático.

Todos estes são também temas contemporâneos e este texto Levítico lança luz sobre a luta das pessoas que não têm acesso à terra, à moradia ou à liberdade. Ele está relacionado com a exploração das pessoas e da terra, que são criação de Deus.

O descanso da terra é inseparável da libertação dos escravos e do perdão das dívidas. Juntas/os, eles significam um “reinício” – a restauração das pessoas e da terra à sua condição original. O Jubileu fornece uma norma tanto social como econômica para reverter a desigualdade que reduz a terra e as pessoas a commodities. É uma visão de como podemos reimaginar nosso mundo.

Ao proclamar o “ano da graça do Senhor” (Lucas 4:18-19.21), Jesus assume o projeto do Jubileu como seu, ecoando o profeta Isaías 61:1-2, para restaurar o relacionamento da humanidade com Deus, uns com os outros e com a terra e toda a criação.

Voltaremos a Levítico 25 em mais detalhes na sessão 14.

Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão que virá a seguir. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.
- Neste estudo bíblico, sugerimos uma leitura dramatizada da passagem. Veja as Notas às/aos facilitadoras/es na página 14 sobre como fazer uma leitura dramatizada.

SESSÃO 4



LUCAS 3:1-22

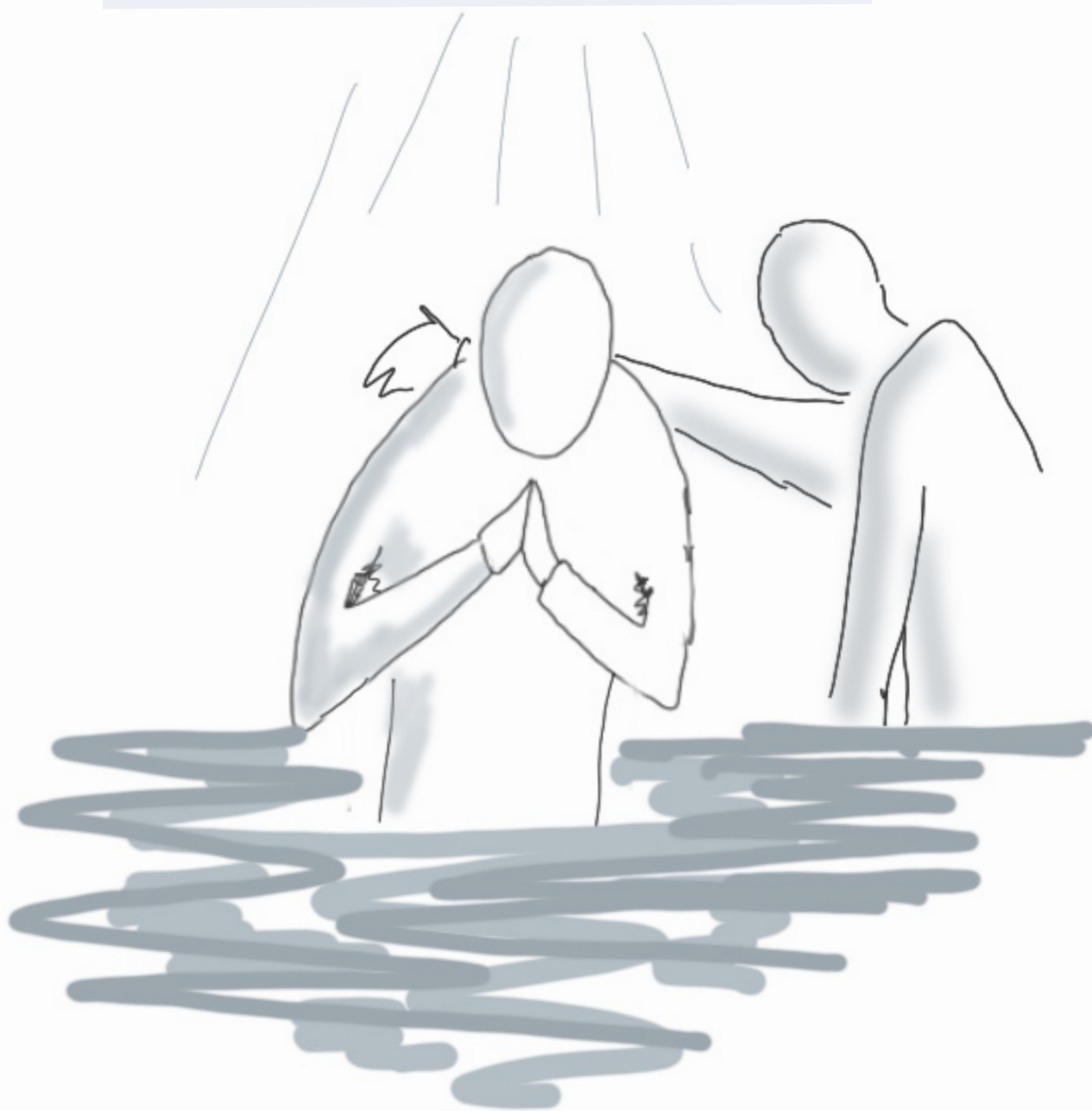
Batismo e toda uma vida de discipulado

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola).
2. Ouça a uma leitura dramatizada de Lucas 3:1-22. A que se refere o texto?
3. Quem são os principais personagens da história e o que sabemos sobre eles?
4. João parece querer fazer as pessoas passarem da crença para a ação. Que tipos de práticas João critica, e que tipos de práticas ele recomenda?
5. Quais são os poderes e as estruturas que sustentam o reinado de Herodes? (Leia a caixa sobre o reinado de Herodes).
6. Quais são as marcas do reinado de Deus que João proclama como boas novas para as pessoas?
7. Como o batismo é compreendido em sua comunidade?
8. João diz que, por meio do batismo, somos chamadas/os a agir por justiça, para ações que sejam redentoras, libertadoras e transformadoras. Como esta passagem se relaciona e dá forma às Marcas da Missão como um todo (sua “forma profética”)?
9. O que ela diz sobre ser uma/um discípula/o batizada/o de Jesus?
10. Que ações nos comprometermos a praticar para que possamos produzir os bons frutos do reinado (“*kin[g]dom*”) de Deus (não o reinado de Herodes) para as pessoas a nosso redor?

CINCO MARCAS DA MISSÃO

- Proclamar as Boas Novas do Reinado de Deus:
- Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
- Responder às necessidades humanas com amor
- Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
- Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.



O REINADO/FAMÍLIA (“KIN-DOM”) DE DEUS

O termo reinado/família (“kin-dom”) de Deus reconhece que Jesus está construindo uma comunidade humana de pessoas de Deus*. Em Jesus, Deus nos escolheu como seus parentes, sua família, uma nação sagrada de pessoas de Deus (1 Pedro 2:9). Jesus deixa claro que a vontade de Deus deve ser feita na terra por aqueles que são sua família ou parentes: “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?” perguntou ele. Então olhou para os que estavam assentados ao seu redor e disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos! Quem faz a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e minha mãe” (Marcos 3:33-35).

O termo “reinado de Deus” é um termo subversivo no mundo bíblico do império, porque desafia a noção de que o imperador na terra é “rei”.

O Reinado (“kin-dom”)

“Quando discutimos esta noção da forma profética do evangelho, um dos participantes, em uma choupana entre os pobres e marginalizados no final dos anos 80 disse: “Então a boa nova é que Jesus está estabelecendo o reinado (“kin-dom”) de Deus.” Este foi um momento profundo de insight teológico.

“Ao lado da noção mais conhecida de “reinado de Deus”, um cristão que vivia em uma choupana entendeu que Deus estava, em Cristo, construindo uma comunidade inclusiva, um reinado (“kin-dom”). A forma do evangelho referia-se a construir uma comunidade inclusiva, na qual pobres e marginalizados tivessem um lugar de destaque, direcionando quais sistemas sociais e teológicos precisavam ser transformados para a vinda do reinado de Deus, assim na terra como no céu”.
Citação do Prof Gerald West.

*Kin – a família e os parentes de alguém, em inglês.

O reinado de Herodes e o Poder Romano na Palestina

Entre 6 e 41 d.C./EC, Idumeia, Judeia e Samaria eram administradas pelos governadores romanos. Esses romanos eram nomeados pelo imperador para as regiões que representavam instabilidade para o império. Esses governadores tinham poderes civis, militares e judiciais.

Na Palestina, no tempo de Jesus, o poder de Roma era exercido de três maneiras principais:

- 1. A presença militar na região.** A principal força do império era seu grande exército, que era bem organizado, coeso e disciplinado. Os destacamentos militares eram chamados de “legiões”. É bom ter essa palavra em mente quando lemos, por exemplo, Marcos 5:1-20, pois ela lança luz sobre qual “ocupação demoníaca” é referida pela pessoa que se autodenomina Legião: “*Legião é o meu nome, porque somos muitos*”.
- 2. A presença de seus representantes na administração.** Estes podiam ser prefeitos (governadores), como Pôncio Pilatos, ou mesmo reis locais que juraram aliança a Roma, como é o caso da rica família de Herodes. As decisões tomadas pelos representantes locais do império tinham origem no todo-poderoso e declarado deus, o imperador de Roma.

- 3. A cobrança de impostos.** Essa era a forma de opressão romana mais intensamente sentida nas vidas do povo. O império exigia que os impostos fossem pagos em moeda romana, com isso mantendo o domínio de sua moeda.

A **arrecadação dos impostos** devidos a Roma era feita de várias maneiras.

- Na Galileia, Herodes Antipas extraia tributos das pessoas diretamente. Uma parte considerável deles era repassada para os romanos. Estes exigiam essa contribuição anual para sustentar os soldados legionários alocados na região.
- Na Judeia, agentes do sistema tributário do império cobravam impostos diretos, que correspondiam a impostos pessoais (de acordo com a renda de cada pessoa) e a taxação das terras (20% a 25% da produção).
- Eram também cobrados impostos indiretos, por meio da compra e venda de todos os produtos. Por toda a região, os impostos eram cobrados em postos aduaneiros, em importantes cruzamentos de estradas, nas entradas das cidades, barreiras fiscais e em mercados públicos. Os publicanos e cobradores de impostos eram responsáveis pela cobrança desses impostos indiretos. Consequentemente, eram discriminados pela maioria dos judeus ortodoxos (Marcos 2:15-17; Lucas 18:9-14), que os consideravam contaminados por manipularem dinheiro estrangeiro impuro. Em uma visão mais ampla, eram considerados colaboradores do império opressor e ladrões. Zaqueu, por exemplo, era chefe dos publicanos e ladrão confesso, mas então se converteu (Lucas 19:1-10). Vide também Mateus 10:3; 11:19; 21:31-32.

Além desses tributos romanos, também havia impostos do templo que precisavam ser pagos. Juntas/os, os impostos romanos e os do templo totalizavam cerca de 65% do valor de toda a produção. Essa era uma carga pesada, e mesmo Jesus encontrou uma forma de pagar os impostos ao templo (Mateus 17:24-27).

Como vimos, a dominação romana tinha seus aliados na Palestina. Portanto, havia uma dupla opressão: uma exercida pelo império estrangeiro e a outra pelas famílias poderosas da região. Essas pessoas poderosas não apenas coletavam impostos devidos a César, mas também exploravam sua posição privilegiada para sustentar sua própria vida de luxos, beneficiar seu comércio e aumentar seu prestígio.



Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão que virá a seguir. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.
- Este estudo bíblico analisa a oração que Jesus ensinou a seus discípulos, da forma registrada no evangelho de Mateus. Nas igrejas, essa oração é conhecida por vários nomes: Pai Nosso, Oração do Senhor, Pater Noster. Aqui, refletimos sobre a oração sob a perspectiva das Marcas da Missão como um todo.

SESSÃO 5

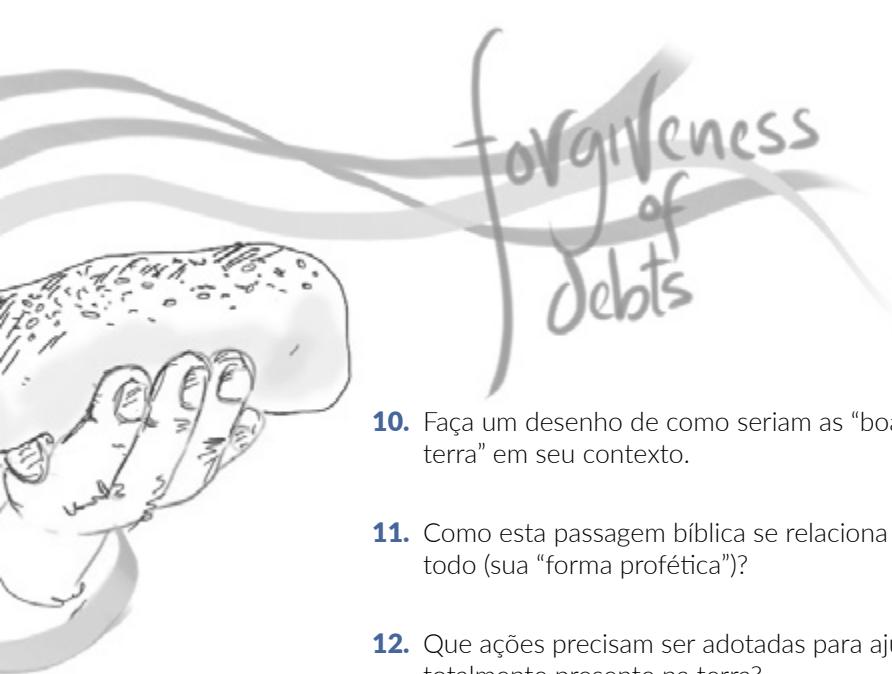


MATEUS 6:9-13

A oração que Jesus nos ensinou

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Qual é a versão da oração que Jesus ensinou a seus discípulos (Pai Nosso) que você se lembra e usa? Qual é a versão usada em sua igreja?
3. Ouça uma leitura lenta de Mateus 6:9-13. Quais são as diferenças entre esta versão bíblica da oração e a usada em sua igreja?
4. O versículo fundamental da oração é o 10. Qual é o foco desse versículo? Pelo que devemos orar?
5. A maioria dos primeiros manuscritos gregos do Novo Testamento não tinha pontuação; ela foi acrescentada mais tarde por estudiosos e tradutores. Se colocássemos dois pontos no final do versículo 10, isso sinalizaria que o que se segue nos versículos 11 e 12 é uma explicação de como seria o Reino de Deus na Terra [ou seja, "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu: o pão nosso de cada dia nos dá hoje, e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores".
Qual é a conexão econômica entre o pão de cada dia e o perdão das dívidas? Como deve ser o reinado de Deus na terra?
6. O que isso nos diz sobre nosso Deus, que tem uma preocupação especial com quem precisa de pão para cada dia e que está perdida/o em dívidas?
7. Quem, em nosso contexto, precisa de alimento para cada dia? Por que precisam de alimento?
8. Que sistemas "na terra" precisam mudar para que o reinado/família de Deus esteja totalmente presente?
9. Que formas de "tentações" e que formas de "mal" (versículo 13) nos impedem de estabelecer o reinado ("kin-dom") de Deus na terra?



10. Faça um desenho de como seriam as “boas novas do reinado (*“kin-dom”*) de Deus “na terra” em seu contexto.
11. Como esta passagem bíblica se relaciona e dá forma às Marcas da Missão como um todo (sua “forma profética”)?
12. Que ações precisam ser adotadas para ajudar o reinado (*“kin-dom”*) de Deus se tornar totalmente presente na terra?

CINCO MARCAS DA MISSÃO

- Proclamar as Boas Novas do Reinado de Deus:
- Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
- Responder às necessidades humanas com amor
- Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
- Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

Dívida e fome no tempo de Jesus

A maioria das/os discípulas/os de Jesus era de pessoas que tinham perdido as terras de sua família por causa de dívidas. Na luta para sobreviver como fazendeiros de subsistência, tiveram que tomar dinheiro emprestado de agiotas na cidade, e então se afundaram em dívidas.

Quando não podiam pagar suas dívidas, os agiotas frequentemente tomavam seus bens, inclusive suas terras. Assim, muitas famílias no tempo de Jesus perderam suas terras por causa de dívidas e tiveram que se mudar para as margens da cidade e se tornar diaristas, ganhando a vida trabalhando por um salário diário (ver parábola em Mateus 20:1-16). É por isso que Jesus reconhece que eles precisavam do “pão de cada dia”. Jesus está mostrando que Deus compreende sua situação econômica.

Sem terras, essas pessoas precisavam do pão diário, mas seria melhor se pudessem ser liberadas de suas dívidas para que pudessem manter sua terra e produzir o alimento/pão para si.

Porém, Jesus deixa claro que não podemos esperar que aqueles a quem devemos nos libere da dívida se não estivermos também preparados(as) para liberar quem nos deve dinheiro! É necessário ter reciprocidade e partilha mútua, construindo relacionamentos de partilha e solidariedade, ao mesmo tempo trabalhando para transformar estruturas econômicas injustas na sociedade.

Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão que virá a seguir. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.
- Neste estudo bíblico, sugerimos uma leitura dramatizada da passagem. Veja as Notas às/aos facilitadoras/es na página 14 sobre como fazer uma leitura dramatizada.

SESSÃO 6



MARCOS 3:1-6

A imagem de Deus

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Ouça uma leitura dramatizada de Marcos 3:1-6. A que você acha que este texto se refere?
3. Quem são os personagens e o que sabemos sobre eles?
4. Jesus e os fariseus têm diferentes teologias. Compare o seguinte:
 - Que imagem você acha que os fariseus têm de Deus?
 - Que visão os fariseus têm da tradição da sinagoga?
 - Que imagem você acha que Jesus tem de Deus?
 - Que visão da sinagoga você acha que Jesus tem?
 - Que imagem de Deus você acha que a pessoa com a mão atrofiada tem?
 - Que visão da tradição da sinagoga você acha que ela ou ele tem?
5. Que imagem de Deus as pessoas marginalizadas em nosso contexto têm? Tente ser específica/o sobre as formas particulares de marginalização.
6. Que visão da tradição da igreja as pessoas marginalizadas em nosso contexto têm? Tente ser específica/o sobre as formas particulares de marginalização.
7. Por que Jesus fica irado (versículo 5)?
8. Como a igreja deve responder às pessoas marginalizadas? Tente ser específica/o sobre as formas particulares de marginalização.
9. O que iremos fazer para ajudar nossas igrejas a serem inclusivas com as pessoas marginalizadas? Tente ser específica/o sobre as formas particulares de marginalização.
10. Como esta passagem bíblica se relaciona com as Marcas da Missão como um todo (sua "forma profética")? O que ela nos diz sobre o Reinado de Deus?



CINCO MARCAS DA MISSÃO

- Proclamar as Boas Novas do Reinado de Deus:
- Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
- Responder às necessidades humanas com amor
- Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
- Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

A Tradição Judaica no Tempo de Jesus

O templo era o núcleo central da expressão hegemônica ou normativa do judaísmo. Por extensão, a cidade de Jerusalém era o centro político e espiritual do povo judeu. No tempo de Jesus, ela tinha cerca de 50.000 habitantes. Mais de um terço deles dependia diretamente das atividades normais do templo e das obras de expansão.

Como centro político e religioso de Israel, Jerusalém se tornou um importante símbolo teológico. É a cidade sagrada (Mateus 4:5; 27:53). Diziam que ela havia sido escolhida por Deus (1 Reis 11:13), para estabelecer sua perpétua habitação (1 Reis 8:11,13,29). Não é coincidência que o profeta Ezequiel a chame de “o centro das nações” e “umbigo do mundo” (Ezequiel 5:5; 38:12).

Para o povo judeu, a lei era uma expressão da vontade de Deus. Para agradar a Deus, portanto, seria necessário obedecer à lei. É por esse motivo que havia uma grande preocupação, entre os judeus mais devotos, como os fariseus e escribas, em cumprir todas as leis. Eles diziam que a lei era a luz (Sl 10:9; 119:105), a verdade (Sl 119:30.138) e o caminho da vida (Sl 119:37.40; Pr 6:23).

Alguns escribas chegaram a pesquisar todas as leis contidas no Pentateuco. Eles contaram 613 leis. Destas, 365 eram proibições, indicando o que não deveria ser feito, e 248 eram ordens positivas, indicando o que deveria ser feito.

O templo, por meio do Sinédrio, era o principal responsável pela aplicação da lei. Portanto, questionar a lei era inevitavelmente também questionar todo o sistema do templo. Mais tarde, quando Estêvão é sentenciado à morte por apedrejamento, as acusações feitas a ele confirmam este ponto. As autoridades da sinagoga acusaram Estêvão de blasfêmia contra Moisés e Deus, isto é, contra a lei e contra o templo (cf. Atos 6:11,13)

Existiam muitos tipos de leis: leis rituais sobre o comportamento durante o culto e sacrifícios; as que tinham que ser observadas o tempo todo, como os Dez Mandamentos; leis sobre casos específicos; e as orais ou tradições dos anciãos, que eram uma interpretação das leis escritas feitas pelos escribas.

Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.
- Neste estudo bíblico, sugerimos uma leitura dramatizada da passagem. Veja as Notas às/aos facilitadoras/es na página 14 sobre como fazer uma leitura dramatizada.
- Este texto tem 6 seções: Introdução: João 9 v.1-5. Cena 1: v.6-12. Cena 2: v.13-17. Cena 3: v.18-23. Cena 4: v.24-34. Cena 5: v.35-41. É interessante a/o facilitadora/ or ter estas seções por escrito em uma folha de papel e expostas claramente.
- A pergunta 9 deve ser incluída apenas se houver tempo à disposição.

SESSÃO 7



JOÃO 9:1-41

Teologias conflitantes

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Ouça uma leitura dramatizada de João 9:1-41. A que você acha que este texto se refere?
3. Jesus se envolve com o homem nascido cego de várias maneiras. Primeiro leia os versículos 1-7 sobre os três primeiros encontros entre Jesus e o homem. Jesus o viu (v.1); Jesus o tocou (v.6); Jesus falou com ele (v.7)
4. Agora leia os três encontros seguintes nos versículos 35-41: Jesus encontrou o homem (v.35); Jesus fala com ele (v.35-38); Jesus o reconduz à comunidade (v.39-41). O que estes encontros dizem sobre Jesus e sua atitude com o homem nascido cego?
5. A ação de empatia de Jesus dá início a um processo de mudança nesse homem. Quais são essas mudanças à medida que a história se desenvolve? Talvez seja interessante fazer um desenho que represente essas mudanças.
6. A pergunta que os discípulos fazem no versículo 2 revela o que eles foram ensinados sobre pecado e doença. Qual é esse ensinamento?
7. O que Jesus diz a seus discípulos no versículo 3 e suas ações subsequentes revelam uma forma alternativa de ver a situação do homem. Qual é essa teologia alternativa?
8. A teologia de retribuição, que é a teologia dos discípulos, continua a ser significativa em muitas igrejas. Em relação a esta passagem, qual é a sua compreensão, e a de sua igreja sobre as causas das doenças e deficiências? Que teologia estamos pregando em nossas igrejas?

9. Quatro outros grupos de pessoas também interagiram com o homem nascido cego: seus vizinhos e conhecidos (v.8-12); os fariseus (v.13-17); os judeus (v.18-19, 24-34); seus pais (v.20-23). O que estes encontros dizem sobre cada um desses grupos e suas atitudes com o homem nascido cego? Que tipos de teologia identificamos nas respostas de cada um desses grupos? Teologias semelhantes a essas são encontradas em nossas igrejas?
10. O que faremos para demonstrar a teologia de Jesus de ação de empatia e inclusão em nossos contextos?
11. Como esta passagem bíblica se relaciona com as Marcas da Missão como um todo (sua “forma profética”)? O que ela nos diz sobre o Reinado de Deus?

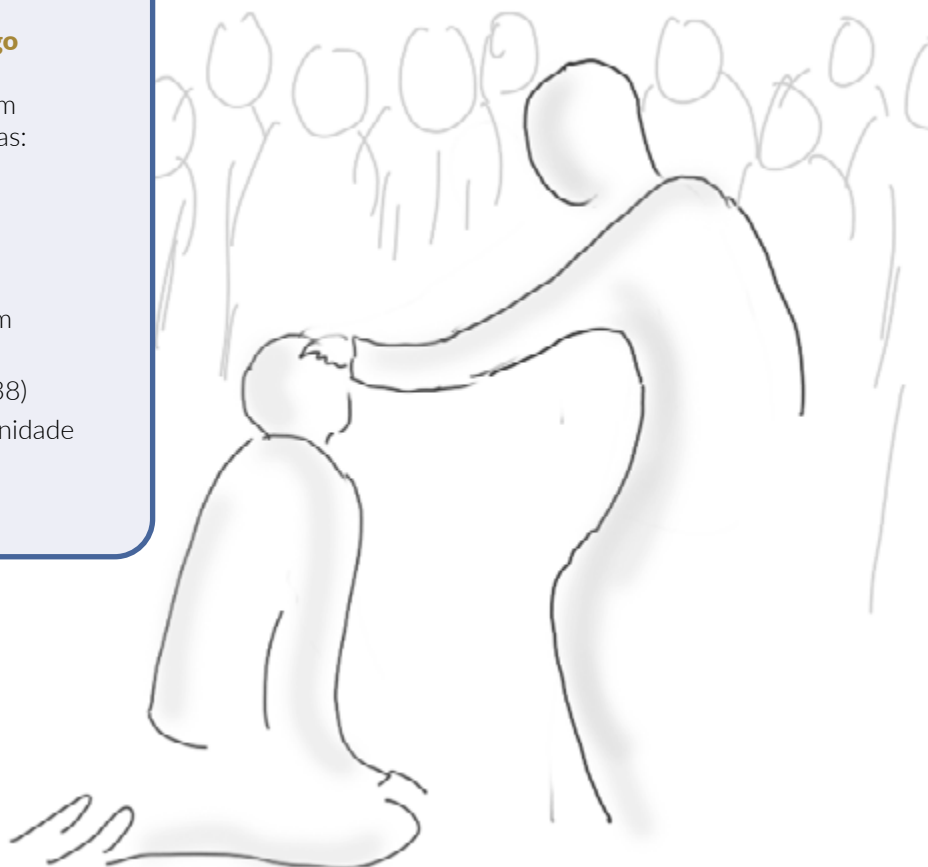
CINCO MARCAS DA MISSÃO

- Proclamar as Boas Novas do Reinado de Deus:
- Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes
- Responder às necessidades humanas com amor
- Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação
- Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

Jesus e o homem nascido cego

Jesus se envolve com o homem nascido cego de várias maneiras:

- Jesus viu o homem (v.1)
- Jesus o tocou (v.6)
- Jesus falou com ele (v.7)
- Jesus encontrou o homem (v.35)
- Jesus fala com ele (v.35-38)
- Jesus o reconduz à comunidade (v.39-41)





PARTE 3

REFORMULANDO NOSSO MUNDO JUNTAS/OS: EXPLORANDO OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL



Notas às/aos facilitadoras/es

- **NOTE QUE:** A caixa de texto sobre “O mundo no século 21” contém uma série de informações. Decida quanto delas você vai usar e qual é a melhor maneira de usá-las de acordo com seu grupo e o contexto. Você pode decidir compartilhá-las com os membros do grupo antes da sessão, ou talvez selecionar alguns pontos para ler em voz alta durante a sessão.
- Antes desta sessão, é necessário ter uma cópia dos 17 Objetivos Globais. Corte nas linhas marcadas para separar os 17 Objetivos Globais.
- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.
- As caixas de texto fornecem informações gerais. A caixa de texto final descreve o que aconteceu quando o a equipe que redigiu o estudo bíblico realizou o exercício nesta sessão. Você pode comparar as anotações!

SESSÃO 8



Explorando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Esta sessão tem por objetivo ajudar as pessoas a explorar os Objetivos Globais para Desenvolvimento Sustentável. Ela pode ser usada como uma introdução para pessoas que não estão familiarizadas com o tema, e como uma maneira de explorá-los com mais profundidade para pessoas que já os conhecem.

Não se esqueça de ler as notas de facilitação antes desta sessão. É necessário realizar um trabalho preparatório.

Perguntas

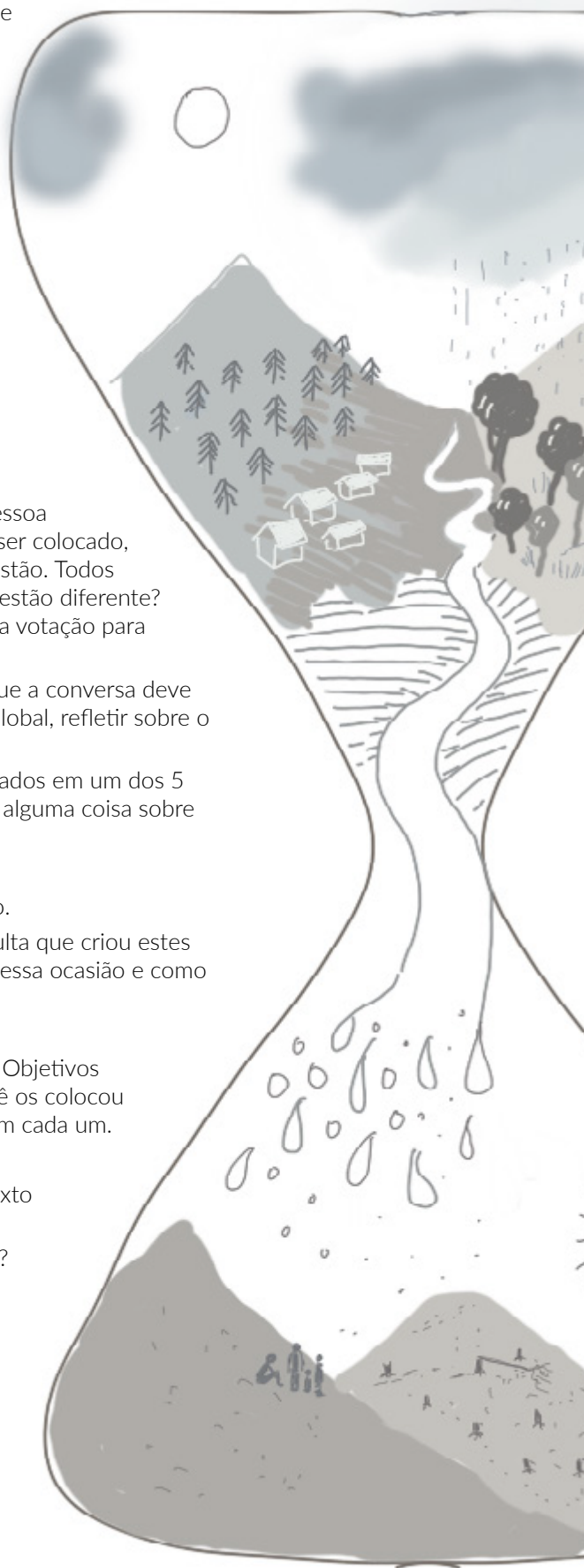
1. O que está acontecendo em nossa comunidade? ((Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola))
2. Existem 17 Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável (ODS), abrangendo uma ampla gama de temas. Leia lentamente os objetivos (ver caixa 1), onde cada pessoa deve ler em voz alta um objetivo por vez. Dê uma pausa após cada objetivo para abrir espaço para reflexão sobre ele.
 - O que vem à sua mente ao ler os objetivos?
 - Qual objetivo você mais gostaria que fosse atingido?
 - Algum dos objetivos se relaciona com o que você compartilhou na pergunta 1?
 - Você acha que os Objetivos Globais podem ser atingidos pela comunidade global?
3. A segunda caixa traz um panorama do mundo no século 21. Quais são suas reações às informações?

4. Os 17 Objetivos Globais abrangem uma gama diversa de questões, que vão desde saúde e clima até indústria e igualdade. Isto pode torná-los bastante difíceis de serem abordados. Foi proposta uma estrutura mais fácil de lembrar, agrupando os objetivos em 5 títulos. São eles: *Pessoas*, *Planeta*, *Paz*, *Prosperidade* [Florescimento] e *Parceria*. Use esses títulos no próximo exercício, que ajudará o grupo a se familiarizar com os Objetivos Globais e começar a refletir sobre eles com mais profundidade:
 - Usando o modelo fornecido na caixa 1, recorte nas linhas marcadas e distribua os Objetivos Globais individualmente entre os membros do Grupo.
 - Dedique alguns minutos para refletir sobre seu(s) objetivo(s) e decida em qual título você acha que ele/s ser colocado/s. Pessoas, Planeta, Paz, Prosperidade [Florescimento] e Parceria.
 - Quem estiver com o Objetivo Global 1 começa. Essa pessoa propõe em qual título “P” ela acha que o objetivo deve ser colocado, justificando sua escolha para o grupo. Discuta essa sugestão. Todos concordam? Se não, por que não? Alguém tem uma sugestão diferente? Discuta e debata até chegar a um consenso ou faça uma votação para decidir onde colocar o objetivo.
 - Repita para os outros Objetivos Globais. A intenção é que a conversa deve ajudar os participantes a mergulhar em cada Objetivo Global, refletir sobre o que está em seu âmago e ver as relações entre eles.
 - Quando todos os 17 Objetivos Globais estiverem colocados em um dos 5 títulos P, analise sua distribuição final. Você quer alterar alguma coisa sobre como os grupos estão dispostos entre si?

NB: Não existem respostas certas ou erradas neste exercício.

Esta atividade se baseia na que foi realizada durante a consulta que criou estes estudos bíblicos. É interessante ler sobre o que aconteceu nessa ocasião e como isso moldou o pensamento do grupo. Consulte a caixa 3.

5. Quando tiver completado sua própria configuração dos Objetivos Globais, olhe novamente para os 5 títulos “P”, onde você os colocou relacionados entre si e os objetivos que você colocou em cada um. Como esses conceitos se conectam com sua fé? Que linguagem você usaria para os títulos em um contexto de fé? Que passagens da Bíblia falam com cada um dos títulos?



OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

1 ERRADICAR A POBREZA 	Erradicar a pobreza em todas as formas e em todos os lugares.	2 ERRADICAR A FOME 	Erradicar a fome, alcançar a segurança alimentar, melhorar a nutrição e promover a agricultura sustentável
3 SAÚDE DE QUALIDADE 	Garantir o acesso à saúde de qualidade e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.	4 EDUCAÇÃO DE QUALIDADE 	Garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.
5 IGUALDADE DE GÊNERO 	Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.	6 ÁGUA POTÁVEL E SANEAMENTO 	Garantir a disponibilidade e a gestão sustentável da água potável e do saneamento para todos.
7 ENERGIAS RENOVÁVEIS E ACESSÍVEIS 	Garantir o acesso a fontes de energia fiáveis, sustentáveis e modernas para todos.	8 TRABALHO DIGNO E CRESCIMENTO ECONÔMICO 	Promover o crescimento econômico inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho digno para todos.

9
INDÚSTRIA, INOVAÇÃO E INFRAESTRUTURAS


Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação.

10
REDUZIR AS DESIGUALDADES


Reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países.

11
CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS


Tornar as cidades e comunidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis.

12
PRODUÇÃO E CONSUMO RESPONSÁVEIS


Garantir padrões de consumo e de produção sustentáveis.

13
AÇÃO CONTRA A MUDANÇA GLOBAL DO CLIMA


Adotar medidas urgentes para combater as alterações climáticas e os seus impactos.

14
VIDA NA ÁGUA


Conservar e usar de forma sustentável os oceanos, mares e os recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável.

15
VIDA TERRESTRE


Proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, travar e reverter a degradação dos solos e travar a perda da biodiversidade.

16
PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES


Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas a todos os níveis.

17
PARCERIAS E MEIOS DE IMPLEMENTAÇÃO


Reforçar os meios de implementação e revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

O mundo no Século 21

Na essência dos Objetivos Globais está a visão de vida abundante – para as pessoas e para o planeta. Esta caixa de informações traz um panorama do estado de coisas atual. O impacto da pandemia e outras crises atuais no clima, conflitos e segurança alimentar continuam a afetar essas questões.



Pessoas

Erradicar a extrema pobreza é o mais básico dos Objetivos Globais. A pobreza tem muitas faces e assume muitas formas interconectadas. A definição acordada internacionalmente de extrema pobreza é viver como menos de US\$ 1,90* por dia. Porém, como diz a ONU, *“Pobreza implica mais do que a falta de renda e recursos produtivos para garantir meios de vida sustentáveis. Suas manifestações incluem fome e má nutrição, acesso limitado à educação e outros serviços básicos, discriminação social e exclusão, bem como a falta de participação na tomada de decisões”.*

Houve progressos nos últimos 25 anos, mas esse avanço foi comprometido pela pandemia, e também por crises contínuas, como as climáticas, conflitos e outras.

Fatos do momento atual:

- Mais de 700 milhões de pessoas, ou 10% da população mundial, ainda vivem em extrema pobreza nos dias de hoje, lutando para suprir necessidades básicas, como saúde, educação e acesso à água e saneamento.
- A fome é a principal causa de mortes no mundo.
- Onze países eliminaram a malária.
- Houve imensos avanços na redução da pólio, sarampo e inúmeras outras doenças.
- Também houve grande progresso no aumento do acesso à educação, em todos os níveis, especialmente para mulheres e meninas, e a alfabetização básica em todo o mundo teve um enorme aumento.
- Porém, 1 em cada 5 crianças no mundo atual – 258 milhões de crianças – não frequentam a escola. As meninas são afetadas de forma desproporcional.
- Poucos países atingiram igualdade de acesso em todos os níveis educacionais.
- Houve grandes melhorias no acesso à água potável. No entanto, milhões de pessoas ainda morrem todos os dias devido a doenças associadas com a disponibilidade inadequada de água, saneamento e higiene. A maioria delas é criança.
- Em todo o mundo, uma em cada três pessoas vive sem saneamento.
- Pessoas enfrentam rotineiramente o preconceito, discriminação e violência com base em gênero, raça, fé, etnia, orientação sexual, afiliação política ou posição social, dentre outros critérios.



Prosperidade

Globalmente, *o número de pessoas que vivem em situação de extrema pobreza diminuiu* de uma em cada três em 1990, para uma em cada 6 em 2010 e para uma em cada dez in 2015. Esta é uma conquista admirável e mostra que é possível eliminar a extrema pobreza.

Contudo, o ritmo de queda *desacelerou* desde então. A pobreza ainda está em queda globalmente, mas de forma mais lenta. Em 2019, estimava-se que cerca de 480 milhões de pessoas ainda viveriam em extrema pobreza em 2030, representando um aumento de 44 milhões em comparação à estimativa anterior. Os impactos das mudanças climáticas estão entre os fatores que se acredita ter contribuído para a desaceleração. As crises atuais têm tido um grave impacto, com aumentos de preços e insegurança alimentar.

A pandemia de Covid-19 teve um impacto catastrófico. Como *escreve a ONU* (em inglês), *“A crise da COVID-19 ameaça reverter décadas de progresso na luta contra a pobreza... As consequências econômicas da pandemia mundial poderiam aumentar a pobreza global em até meio bilhão de pessoas, ou 8% do total da população humana. Este seria o primeiro aumento da pobreza mundialmente em trinta anos, desde 1990”*.

Fatos do momento atual:

- Atualmente existem mais pessoas bilionárias do que nunca. Juntas, as pessoas bilionárias têm mais riqueza do que 4,6 bilhões de pessoas que representam 60% da população do planeta. A riqueza dos 10 homens mais ricos do mundo dobrou desde o início da pandemia, ao passo que a renda de 99% da humanidade piorou por causa da Covid-19.
- Estar trabalhando não garante uma vida decente. Em 2018, 8% das/os trabalhadoras/es empregadas/os e suas famílias viviam em extrema pobreza no mundo.
- A cada dia, 10.000 pessoas morrem porque não podem arcar ou não têm acesso a serviços de saúde.
- Todos os anos, o custo com serviços de saúde empurra 100 milhões de pessoas para a extrema pobreza.
- O trabalho não remunerado das mulheres como cuidadoras é estimado em um valor de US\$ 10,8 trilhões por ano (três vezes mais que a indústria de tecnologia), mas isto é amplamente não reconhecido e não valorizado.
- A perda de meios de subsistência e de alimentos, a destruição de propriedades, o aumento da tensão, a ruptura familiar e a migração forçada são apenas algumas das consequências das mudanças climáticas.





Planeta

Nosso planeta oferece recursos abundantes, mas não os estamos usando com responsabilidade e consumimos atualmente muito mais do que a terra pode sustentar. Se todos no mundo tivessem a mesma pegada** que as pessoas que vivem nos Estados Unidos, Emirados Árabes Unidos ou Austrália (dentre outros), *precisaríamos de mais de quatro planetas*.

As mudanças climáticas, o desmatamento, a perda dos habitats naturais, a degradação das terras, a poluição e as práticas insustentáveis estão causando graves danos aos ecossistemas e à biodiversidade da terra, tanto na terra como sob as águas, ameaçando a integridade da criação.

Fatos do momento atual:

- Os impactos da mudança do clima, como eventos climáticos extremos, aumento do nível do mar e a alteração dos padrões das chuvas estão afetando gravemente milhões de pessoas em todo o mundo.
- A biodiversidade está diminuindo a um ritmo alarmante. Espécies estão sendo extintas a uma taxa muito superior às taxas de origem natural (cerca de mil vezes maior). Uma em cada oito espécies de aves está sob a ameaça de extinção. 41% dos anfíbios estão sob ameaça.
- Graças aos conservacionistas, baleias-jubarte, rinocerontes, bisontes europeus e condores da Califórnia estão entre as espécies que provavelmente serão salvas da extinção.
- Práticas sustentáveis nas indústrias, como a pesca e a silvicultura estão se tornando a norma estabelecida.
- O investimento responsável vem se tornando uma prática predominante.





Paz e Justiça

Em todas as partes do mundo, as pessoas sofrem muitas formas de discriminação, violência, abuso, conflito, terrorismo, exploração, perseguição, crime, corrupção e injustiça. Mulheres e meninas são rotineiramente discriminadas de muitas formas e em muitos lugares. Como uma Comunhão, uma de nossas Marcas da Missão é “*procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação*”.

Fatos do momento atual:

- O número de pessoas que fogem de guerras, perseguições e conflitos atingiu quase *100 milhões* em 2022, o nível mais alto já registrado pela agência de refugiados da ONU (ACNUR) em quase 70 anos.
- O *número de países afetados por conflitos armados é muito alto*. Em 2019, havia 54 conflitos armados ativos no mundo, acima de 52 em 2018 e atingiu o pico do período pós-Guerra Fria em 2016.
- *32 conflitos armados* foram registrados em 2021, uma discreta redução em comparação ao ano anterior. A maior parte dos conflitos ocorreu na África (15), seguida pela Ásia (nove), Oriente Médio (cinco), Europa (dois) e América (um).
- *Uma em cada três mulheres no mundo já sofreu abuso físico e/ou sexual por um parceiro*. Esse número chega a mais de 70% em alguns países. A violência baseada em gênero, especialmente a violência doméstica, aumentou significativamente durante a pandemia.
- *Racismo e xenofobia* predominam em todos os lugares e *aumentaram durante a pandemia*.
- Houve também movimentos generalizados de protestos contra o racismo e a violência baseada em gênero.
- A corrupção, o suborno, roubo e evasão fiscal têm um *custo de cerca de US\$ 1,26 trilhão para os países desenvolvidos* por ano.
- O número estimado de vítimas da escravidão moderna chega a 40,3 milhões no mundo. A maioria é de mulheres.
- Os nascimentos de cerca de uma em cada quatro crianças menores de 5 anos no mundo nunca são registrados oficialmente, privando-as de uma prova de identidade legal crucial para a proteção de seus direitos e para o acesso à justiça e aos serviços sociais.



Parceria

A pandemia de Covid-19 mostrou o quanto somos profundamente interconectadas/os e interdependentes. A resposta à crise – seja por meio de fornecimento de EPI ou pesquisa e produção de vacinas – exigiu uma miríade de parcerias e a cooperação internacional. O mesmo se aplica para a consecução das ambições dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O Secretário Geral da ONU, Antonio Guterres, afirmou: “Convido a sociedade civil, organizações de base, mídia, setor privado, sindicatos, academia e outros a mobilizarem parcerias como nunca antes”.

A Comunhão Anglicana é uma organização global, com mais de 85 milhões de membros em 165 países. As igrejas anglicanas são partes integrantes de suas comunidades locais com muitos relacionamentos locais. Também nos conectamos em todo o mundo através das estruturas e instrumentos da Comunhão***, através de nossas igrejas-membro, vínculos de companheirismo, redes oficiais, agências de missão, assistência e desenvolvimento, os departamentos do Escritório da Comunhão Anglicana e a Aliança Anglicana. Como uma Comunhão, somos capazes de nos conectar de forma ecumênica e com outras fés e levar as vozes e experiências das comunidades

*Refere-se a dólares “internacionais” – uma moeda hipotética que considera o custo de vida (ou “poder aquisitivo” do dinheiro) em diferentes países. Para uma pessoa que vive em um determinado país, um dólar “internacional” compraria uma quantidade comparável de bens e serviços que um dólar norte-americano compraria nos Estados Unidos.

**Uma medida de da demanda que o consumo humano exerce sobre a biosfera.

***Os instrumentos da Comunhão são o Conselho Consultivo Anglicano, a Reunião dos Primazes, a Conferência de Lambeth e o Arcebispo da Cantuária.

Fontes: Objetivos Globais da ONU, Relatório ODS da ONU de 2019, SDG Tracker, Our World in Data, Oxfam, OMS, Bird Life International, International Union for the Conservation of Nature, UNHCR, Relief web, UNICEF, Fórum Econômico Mundial, Comunhão Anglicana, data.footprintnetwork.org, UNHCR, Oxfam International, ONU Mulheres. Impacto da pandemia de Covid-19 & perspectiva estatística sobre o progresso dos ODS.



Colocando os 17 Objetivos Globais dos 5 títulos ‘P’ na consulta para a redação do estudo bíblico.

Os 17 participantes da consulta para a redação deste material realizaram o exercício descrito acima. A atividade estava programada para durar cerca de 20 minutos, mas à medida que foi se desenvolvendo, ficou claro que estávamos explorando um filão muito rico, que merecia mais tempo dedicado a ele, “até estar pronto” (para usar um entendimento sul-africano de quanto tempo alocar a uma atividade).



A conversa e o debate foram ricos, permitindo aos participantes explorar cada Objetivo Global, refletir sobre o que está em seu âmago, ver os relacionamentos entre eles e identificar ressonâncias teológicas. Em algum momento, os 17 objetivos foram colocados em um dos 5 títulos P. Estas foram as conclusões do grupo:

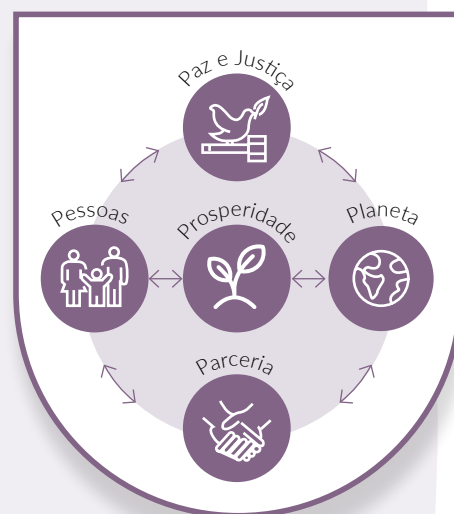
Como resultado desta conversa e exploração, o grupo foi capaz de realizar rapidamente a reestruturação dos Objetivos Globais partindo do padrão linear de cinco títulos separados (acima) para um formato circular de cinco áreas relacionais, com conexões e interdependências recíprocas:

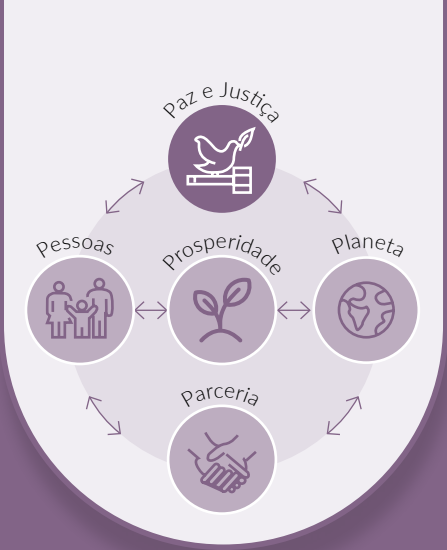
Neste formato, Pessoas, *Planeta* e *Prosperar(idade)*, que foram os títulos onde colocamos a maioria dos Objetivos Globais, estão em uma linha. Eles não são separados, e sim colocados em relacionamento entre si, com *Prosperar(idade)* colocado para formar uma ponte de conexão entre *peessoas* e *planeta*. Isso enfatiza a realidade de que as pessoas e o planeta estão intimamente ligados, de que seu prosperar (ou florescer) é interdependente. Também permite uma crítica à categoria “prosperidade”, que reimaginamos como “prosperar” em reconhecimento ao fato de que a prosperidade, no sentido comumente entendido de crescimento econômico sem fim, é insustentável e prejudicial para o planeta. Por outro lado, prosperar, no sentido de florescer, permite uma conversa mais rica, é mais fiel às ambições gerais dos Objetivos Globais e tem ressonância imediata com nossa herança de fé.

Nesse formato, o título *Paz e Justiça* é colocado como um tema central, que abraça e cobre todos os outros títulos. Isso reconhece a luta que tivemos em separar qualquer um dos Objetivos Globais de paz e justiça e nossa tendência de querer colocar todos os Objetivos Globais nesse título.

Por fim, entendemos que *Parceria* é o alicerce de tudo. Não se trata de uma categoria ou atividade em si, mas a pedra angular de todas as atividades e fundamental para o sucesso.

Uma vez que o formato dos Objetivos Globais ficou completo, os participantes olharam novamente para os títulos em sua nova estrutura, refletindo sobre cada um de forma teológica para identificar ressonâncias com a fé e, em oração, determinar textos bíblicos que falam com eles.





Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão que virá a seguir. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos. A “comunidade” pode ser muito local ou mais ampla, com base nas preocupações do grupo.
- Neste estudo bíblico, sugerimos uma leitura dramatizada da passagem. Veja as notas às/aos facilitadoras/es na página 14 sobre como fazer uma leitura dramatizada.

SESSÃO 9



Paz e Justiça



LUCAS 6:17-28 Crianças de Deus

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Leia o texto de forma dramatizada. Se possível, leia em diferentes versões.
3. Quem veio encontrar Jesus e o que eles buscavam? Por que você acha que Jesus decidiu encontrá-los no plano – no mesmo nível?
4. Leia o v.20 em diferentes traduções. A quem Jesus se refere nos versículos seguintes? Por que é importante que as/os discípulas/os de Jesus compreendam este ensinamento?
5. O que você entende pela palavra “bem-aventurada/o”? O que mais podemos entender por ela?

Bem-aventurada/o

A palavra grega usada nas Bem-aventuranças, traduzida como “feliz” ou “bem-aventurada/o” em português, é μακάριος (*Makarios*). No entendimento grego, Makarios era associada com pessoas privilegiadas da sociedade e divindades, com ter posses e poder, e com uma vida livre de preocupações. Mas Jesus inverte esta ideia e declara que o favor de Deus está nas pessoas comuns que enfrentam a dor, a pobreza, a injustiça e a fome, fazendo eco ao canto de Maria, o Magnificat.

6. Jesus disse que o Reinado de Deus está situado junto às pessoas pobres. O que estas palavras de Jesus nos dizem sobre o Reinado de Deus, de justiça e paz? Como Jesus cria o Reinado de Deus entre as pessoas reunidas no plano?
7. Por que as pessoas estão pobres e famintas no mundo de hoje? O que a desigualdade faz às pessoas – tanto às pobres como às ricas?
8. Como o mundo de hoje pode ser comparado à visão de Jesus do Reinado de Deus?
9. Como podemos nos unir a Jesus para trazer a transformação do Reinado de Deus, de justiça e paz – começando com nossa mudança pessoal como discípulos/os?

Observação: A Bíblia tem muitas versões do Reinado de Deus de Justiça e Paz. Isaías 65:17-25 é uma das mais bonitas.

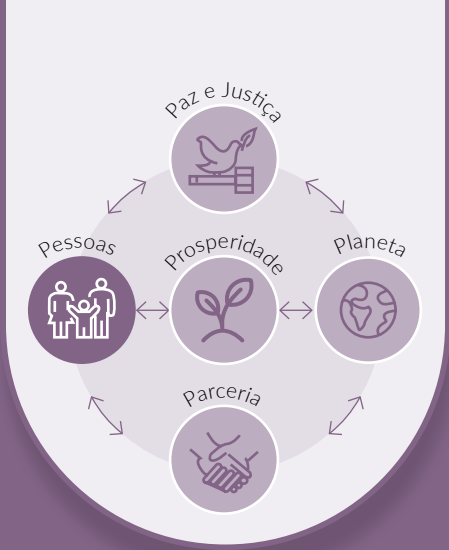
O que pensamos no âmbito de Paz e Justiça

“Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável observam corretamente que ‘Não pode haver desenvolvimento sustentável sem paz, e sem paz não existe desenvolvimento sustentável’. Portanto, eles estabelecem metas para promover sociedades pacíficas, justas e inclusivas.

Justiça é a base do sucesso dos ODS: desde a erradicação da pobreza e desigualdade até garantir que ninguém fique para trás”.

Fonte: Fundação ONU.





Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.
- Neste estudo bíblico, sugerimos uma leitura dramatizada da passagem. Veja as notas às/aos facilitadoras/es na página 14 sobre como fazer uma leitura dramatizada.

SESSÃO 10



Pessoas



MARCOS 6:30-34 Uma comunidade que compartilha

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Ouça uma leitura dramática de Marcos 6:30-44. Sobre o que é este texto?
3. Quem são os personagens da história, onde estão, o que sabemos sobre elas/es, e quais são os relacionamentos entre elas/eles? Faça um desenho que represente os personagens, seus relacionamentos e sua localização, conforme indicado na história.
4. Releia os versículos 33-37 e o texto na caixa sobre a importância do lugar. Por que você acha que Jesus escolheu um lugar entre a cidade e as aldeias para alimentar a multidão? Por que você acha que Jesus rejeitou a sugestão dos discípulos para que a multidão fosse às aldeias para encontrar alimento? Por que você acha que Jesus insistiu que os discípulos dessem alguma coisa para a multidão comer?
5. Com base nesta história, fica claro que Jesus quer construir um tipo especial de comunidade. Que tipo de comunidade Jesus quer construir?
6. Quais são as características “espirituais” e as práticas “materiais” desta comunidade alternativa?
7. Quem participa da construção desta comunidade alternativa? Identifique os diferentes tipos de pessoas envolvidas.
8. Que tipos de comunidades reúnem as pessoas, valorizando a dignidade e a contribuição de cada uma? Cite exemplos de seu contexto.
9. Que ações você adotará para identificar novos locais para a construção de comunidades redentoras em seus contextos?

A importância do lugar

O evangelho de Marcos dá uma atenção especial ao lugar, a geografia. Nesta história, ficamos sabendo que Jesus alimenta a multidão em um lugar deserto.

No tempo de Jesus, as cidades frequentemente eram associadas com opressão econômica. As elites que viviam na cidade representavam menos de cinco por cento da população, mas consumiam a grande maioria dos recursos disponíveis. Essas elites, que incluíam as elites religiosas, muitas vezes exploravam as aldeias em torno das cidades. As elites das cidades extraíam recursos econômicos das aldeias em torno delas na forma de impostos, tributos e dízimo. A multidão que seguiu Jesus estaria ciente da relação econômica exploradora entre a cidade e os vilarejos.

O que pensamos no âmbito de

Pessoas

“Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável declaram que a determinação do mundo ‘é erradicar a pobreza e a fome, em todas as suas formas e dimensões, e garantir que todos os seres humanos possam realizar seu potencial em dignidade e igualdade e em um ambiente saudável”.

Fonte: Fundação ONU.

“Ninguém vai ficar para trás” é um princípio fundamental dos Objetivos Globais.





Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.
- Neste estudo bíblico, sugerimos uma leitura dramatizada da passagem. Veja as notas às/aos facilitadoras/es na página 14 sobre como fazer uma leitura dramatizada.

SESSÃO 11



Prosperar(idade)



GÊNESIS 2:4-15

Um mundo próspero

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Ouça uma leitura dramática de Gênesis 2:4-15. Escolha quatro leitoras/es, cada um lendo uma parte: 4-6; 7-9; 10-14; 15.
3. Sobre o que é este texto?
4. Quais elementos da criação são identificados no texto? Faça um desenho dos relacionamentos entre esses elementos.
5. No versículo 7, existe uma ligação específica entre “o pó da terra” e a criatura humana que Deus faz do pó da terra. A palavra hebraica para terra é *ha-adamah* e a palavra hebraica para ‘humana’ é *ha-adam*. Portanto, a tradução apropriada de *ha-adam* seria “criatura da terra”. Releia este texto usando a tradução fornecida aqui. Como esse entendimento fala com você sobre o relacionamento entre “Deus”, “a terra” e a “criatura da terra”?
 - ⁴ Esta é a história das origens dos céus e da terra, no tempo em que foram criados: Quando o Senhor Deus fez a terra e os céus,
 - ⁵ ainda não tinha brotado nenhum arbusto no campo, e nenhuma planta havia germinado, porque o Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra, e também não havia a criatura da terra para cultivar o solo.
 - ⁶ Todavia brotava água da terra e irrigava toda a superfície do solo.
 - ⁷ Então o Senhor Deus formou a criatura da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o a criatura da terra se tornou um ser vivente.
 - ⁸ Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, para os lados do leste; e ali colocou a criatura da terra que formara.
 - ⁹ O Senhor Deus fez nascer então do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento. E no meio do jardim estavam a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal.

- ¹⁰ No Éden nascia um rio que irrigava o jardim, e depois se dividia em quatro.
- ¹¹ O nome do primeiro é Pisom. Ele percorre toda a terra de Havilá, onde existe ouro.
- ¹² O ouro daquela terra é excelente; lá também existem o bdélio e a pedra de ônix.
- ¹³ O segundo, que percorre toda a terra de Cuxe, é o Giom.
- ¹⁴ O terceiro, que corre pelo lado leste da Assíria, é o Tigre. E o quarto rio é o Eufrates.
- ¹⁵ O Senhor Deus colocou a criatura da terra no jardim do Éden para cuidar dele e cultivá-lo.

6. Qual é a conexão entre a criatura da terra e os outros elementos da criação (ver versículo 9 e também o versículo 19a)?
7. O texto nos diz duas vezes qual é a tarefa da criatura da terra. Qual é a tarefa? (Releia os versículos pertinentes no maior número possível de traduções).
8. Esta história da criação se refere aos recursos agrícolas, minerais e hídricos. O que significa cultivar/arar/cuidar/servir/trabalhar e manter/ zelar/preservar esses recursos de forma sustentável para que todos os elementos da criação possam prosperar juntas/os?
9. O que acontece quando esquecemos nossa conexão e responsabilidade com a terra e as outras espécies e elementos da criação? Compartilhe uma história de seu contexto.
10. O que você vai fazer para se tornar uma “criatura da terra” mais conectada e responsável?

O que pensamos no âmbito de

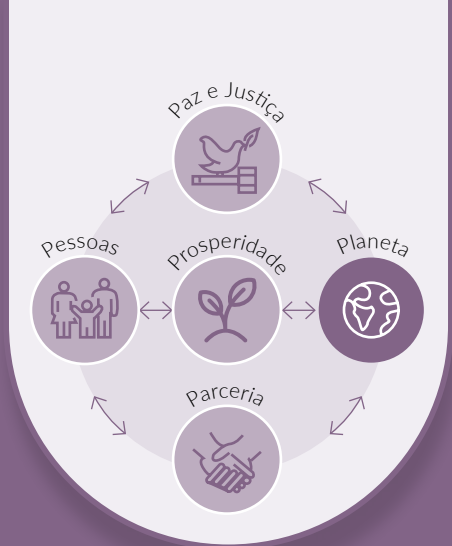
Prosperar(idade)

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável visam “garantir que todos os seres humanos possam desfrutar de vidas prósperas e gratificantes e que o progresso econômico, social e tecnológico ocorra em harmonia com a natureza.

“A desigualdade é uma das questões que definem esta geração e requer um foco condizente que, até agora, ainda não foi atendido.

Fonte: Fundação ONU.

Conforme descrito na introdução desta seção, estamos reimaginando “prosperidade” como “prosperar” em reconhecimento ao fato de que a prosperidade, no sentido comumente entendido de crescimento econômico sem fim, é insustentável e prejudicial para o planeta. Por outro lado, prosperar, no sentido de florescer, permite uma conversa mais rica, é mais fiel às ambições gerais dos Objetivos Globais e tem ressonância imediata com os valores de nossa fé, buscando o bem-estar da humanidade dentro de toda a criação de Deus.



Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.

SESSÃO 12



Planeta



JÓ 12:1-13 Aprendendo com a criação

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Ouça a uma leitura lenta de Jó 12:1-13 usando diferentes versões da Bíblia e em diferentes linguagens. Sobre o que é este texto?
3. Quem são os personagens (humanos e outros) nesta passagem?
4. O que sabemos sobre elas/eles?
5. Qual é o papel que desempenham nesta história?
6. O que o versículo 10 nos diz sobre o relacionamento da humanidade com toda a criação de Deus?
7. Jó entende que Deus indicou a criação como educadora da humanidade (animais ensinarão, aves te farão saber... versículos 1-8). O que a natureza está nos ensinando com seu sofrimento neste momento (embora seja inocente, assim como Jó?)
8. Leia a caixa de texto sobre o que Deus diz nos capítulos finais de Jó. O que podemos fazer para ajudar todo o reinado ("kin[g]dom")* de Deus (todas as coisas vivas / criação) a florescer em harmonia?

*Kin[g]dom = a alma de tudo quanto vive na mão de Deus. (v 10b)



Os capítulos finais de Jó: Deus fala

Nos capítulos finais do livro de Jó, Deus proclama as glórias da criação em uma série de perguntas. O conhecimento íntimo de Deus e o cuidado apaixonado são claros. Deus vê não apenas as criaturas da terra, mas também suas estruturas físicas e sistemas.

O Senhor diz a Jó:

“Onde estavas tu, quando eu fundava a terra? (38:4)... enquanto as estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam? (38:7)

Ou entraste tu até às origens do mar, ou passeaste no mais profundo do abismo? (38:16)

Ou com o teu entendimento chegaste às larguras da terra? (38:18)

Sabes tu as ordenanças dos céus? (38:33)

Sabes tu o tempo em que as cabras montesas têm filhos, ou observastes as cervas quando dão suas crias? (39:1)

Ou voa o gavião pela tua inteligência? (39:26)

Quem primeiro me deu, para que eu haja de retribuir-lhe?

Pois o que está debaixo de todos os céus é meu. (41:11)

O que pensamos no âmbito de

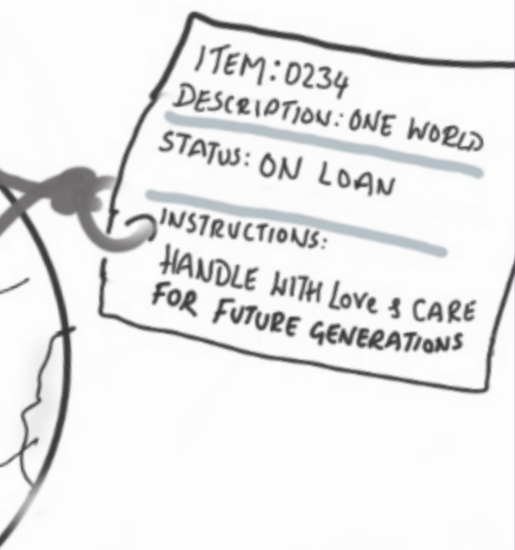
Planeta

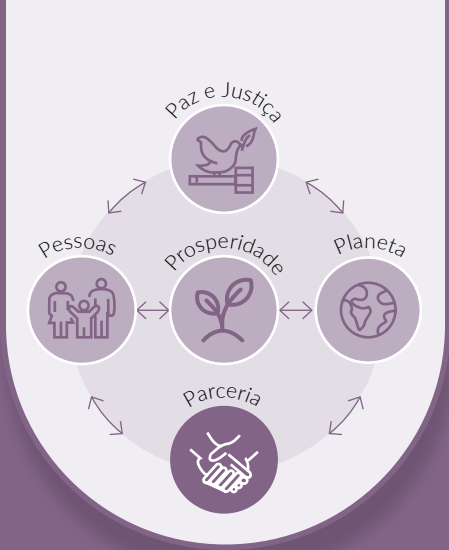
“Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estabelecem a meta de proteger nosso planeta para que ele possa suprir as necessidades das gerações do presente e do futuro”. Praticamente todos os dias vemos o quanto a mudança climática está conectada – e é fundamental – ao desenvolvimento global.

*“A mudança climática é um obstáculo para a realização dos ODS e tem efeitos desproporcionais para as pessoas pobres. Sem uma ação coordenada, ela pode lançar **mais 100 milhões de pessoas à pobreza até 2030.***

*“O mundo também está enfrentando desafios terríveis na abordagem da proteção da biodiversidade e do meio ambiente. As ações humanas já alteraram **três quartos dos ambientes terrestres e dois terços dos marinhos.** Hoje, cerca de 1 milhão de espécies animais e de plantas estão ameaçadas de extinção, o maior número da história humana”.*

Fonte: Fundação ONU.





Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão que virá a seguir. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.

SESSÃO 13



Parceria



ATOS 4:32-37

Uma nova comunidade

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Vamos ouvir uma leitura de Atos 4:32-37. Sobre o que é o texto?
3. Esta é uma continuação da história iniciada em Atos 2:44-47. Em grupos de dois, leiam Atos 2:44-47 e então 4:32-37 novamente. Troquem ideias entre si sobre como estes textos têm sido usados em seu contexto.
4. Ambos ligam o “espiritual” com o “material”. Como cada texto faz a conexão entre as características espirituais e as práticas materiais?
5. Os dois textos são sobre a construção de uma comunidade alternativa. Quais são as características e práticas dessa nova comunidade, e como essas características e práticas fazem essa nova comunidade?
6. Os dois textos enfatizam a necessidade econômica. Qual é o relacionamento entre as pessoas que têm recursos econômicos e as que carecem deles?
7. Releia Atos 4:35. O que você entende da frase “segundo a necessidade de cada um”.
8. Que estratégias o texto oferece para a abordagem da pobreza e da desigualdade em nossa comunidade?

9. Quem são as pessoas que passam por necessidade econômica em nosso contexto? Identifique-as e reflita sobre porque passam necessidade econômica.
10. Em que formas de parceria você se envolverá para garantir que cada pessoa tenha acesso às oportunidades econômicas e receba recursos de acordo com sua necessidade?

Pergunta adicional opcional:

Em 1 Coríntios 12, lemos que “Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também (versículo 12) e “se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele” (versículo 26). Ver também Romanos 12:4 – 8. O que a ideia de um Corpo de Cristo global acrescenta à sua conversa? O que isso significa no contexto de parceria nos Objetivos Globais?

O que pensamos no âmbito de

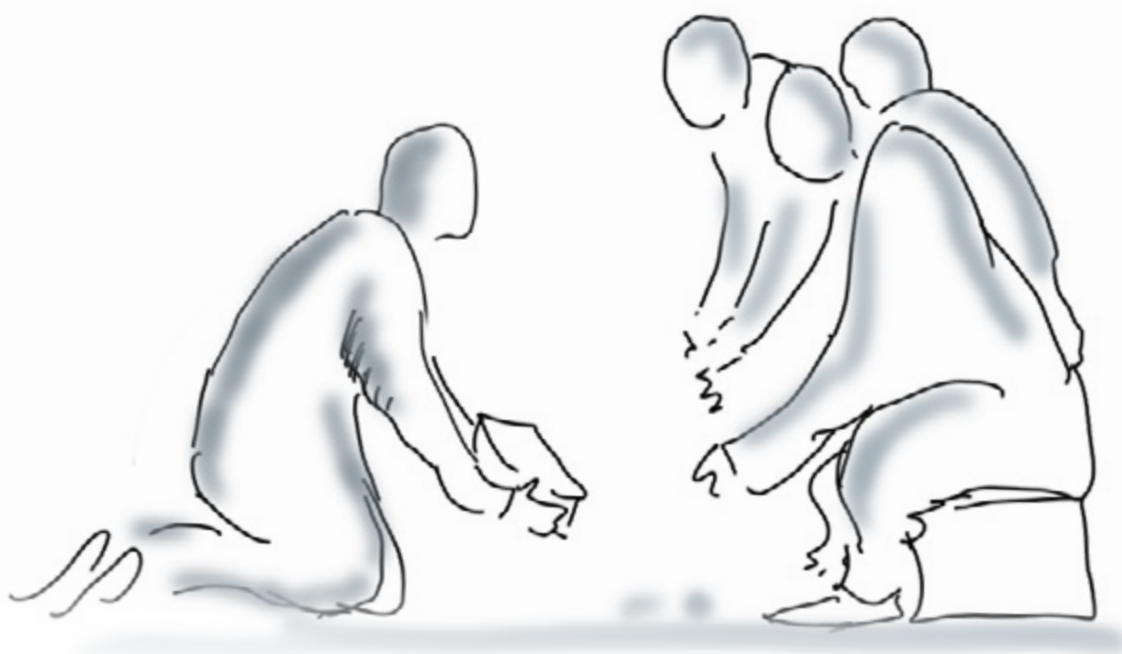
Parceria

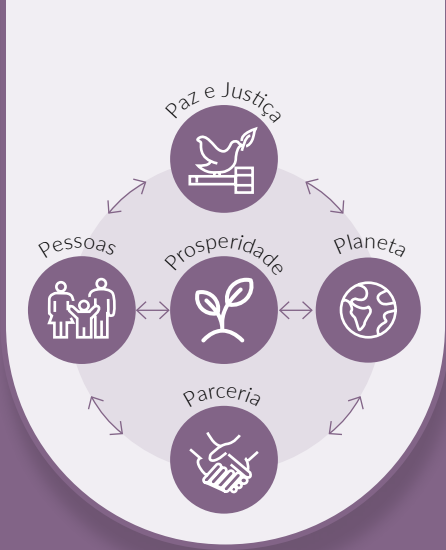
Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável convocam um “espírito de solidariedade global fortalecida. Problemas que cruzam geografias e setores exigem uma colaboração que também o faça.

“A boa notícia é que estamos vendo diversos agentes se mobilizarem para os ODS, desde jovens ativistas que lutam pela ação climática até cidades que adotam condições de vida sustentáveis e corporações que incorporam a sustentabilidade em seus planos estratégicos.

“Isso é importante, mas é preciso ter mais solidariedade, especialmente no que se refere a mobilizar financiamento e atingir quem ficou para trás.

Fonte: Fundação ONU.





Notas às/aos facilitadoras/es

- A pergunta de abertura estabelece o contexto para a discussão. Ajude o grupo a descrever as coisas que estão afetando a comunidade em termos econômicos, sociais, políticos e religiosos.
- Este é um longo estudo bíblico. Você pode optar por conduzi-lo em duas sessões.
- Na página 60 há notas para as/os facilitadoras/es.

SESSÃO 14

Juntando tudo isso

LEVÍTICO 25 **Proclamar a liberdade por toda a terra**

Introdução

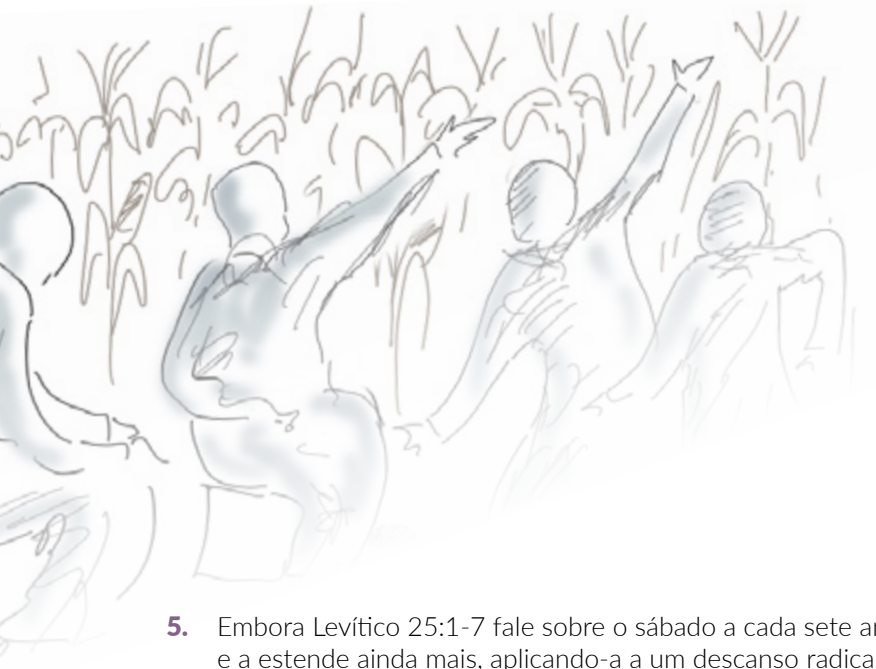
Este estudo bíblico reúne todos os temas sobre os quais refletimos nesta seção: pessoas, planeta, prosperar(idade), paz e parceria. Ele também se conecta à Parte 1, na qual exploramos as Cinco Marcas da Missão e como, juntas, elas incorporam a proclamação de Jesus sobre o Reinado de Deus, que é a Boa Nova para as pessoas pobres.

Esta sessão termina com a oportunidade de refletir sobre como fomos moldados por estes estudos bíblicos e como ajudaremos a reimaginar e reformular nosso mundo, juntas/os.

Perguntas do estudo bíblico

1. O que está acontecendo em nossa comunidade? (Convide cada pessoa a se manifestar, circulando o objeto simbólico como por exemplo, vela, flor, bola)
2. Levítico 25 expande a noção de “sábado”. O que você entende por “sábado”? O que há de diferente no “sábado” em sua comunidade?
3. Leia Êxodo 20:8-11 e Deuteronômio 5:12-15. Estas leis estabelecem um sábado semanal, no qual os seres humanos e os animais domésticos devem descansar de seu trabalho. Quem está incluído nestas leis de sábado?
4. Levítico 25 altera a noção de um sábado, passando de dias para anos. Ele estabelece um sábado para a terra, a terra cultivada, a cada sete anos. A terra deve descansar de seu trabalho uma vez a cada sete anos. Leia Levítico 25:1-7. Por que você acha que Deus estabelece um “completo descanso para a terra”?





5. Embora Levítico 25:1-7 fale sobre o sábado a cada sete anos, Levítico 25:8-55 toma a noção de sábado e a estende ainda mais, aplicando-a a um descanso radical (um reinício) a cada cinquenta anos, um sábado de sábados (7 anos x 7 anos). Levítico 25:8-13 resume o foco desse ano de Jubileu. Leia Levítico 25:8-13. O que deve acontecer a cada cinquenta anos? O que você acha que significa que cada pessoa “tornará, cada um à sua possessão” (10, 13)?
6. Leia Levítico 25:23-28 e 25:35-41. Esses versículos parecem esclarecer o que significa para cada pessoa “tornar à sua possessão” (27, 28, 41). O que o ano do Jubileu está tentando fazer?
7. Leia Levítico 25:42-43 e releia 23-24. Esses versículos estabelecem a justificativa teológica para um ano do Jubileu. Veja novamente Êxodo 20:8-11 e Deuteronômio 5:12-15. Por que Deus exige o Sábado e o Jubileu?
8. Você acha que nosso contexto precisa de um Jubileu? Como seria um Jubileu em seu contexto?
9. Agora leia Levítico 25:44-46. Parece que o Jubileu não é para todas/os! Em meio a uma lei de liberação, encontramos uma lei de opressão. O que é essa lei de opressão? Dê exemplos de seu contexto em que certos grupos são excluídos das leis ou sistemas que levam à prosperidade para alguns. Por exemplo, na África do Sul, as leis do apartheid estabeleciam prosperidade para as pessoas sul-africanas brancas, mas condenava as sul-africanas negras à opressão.
10. A determinação do Jubileu em Levítico, de um tempo para “apregoar liberdade na terra a todos os seus moradores” (v.10), prenuncia a libertação maior e a redenção que Jesus traz e que ele proclama em Lucas 4:16-21. Como vimos ao longo destes estudos bíblicos, Jesus deixa claro por meio de suas palavras e ações que o amor redentor e a liberação de Deus se estendem a todas as pessoas. A visão para os Objetivos Globais é que “ninguém fique para trás” e, da mesma forma que a determinação do Jubileu, eles oferecem uma oportunidade que só acontece uma vez em cada geração para um reinício radical. Onde vemos os 5Ps dos Objetivos Globais – Pessoas, Planeta, Prosperar(idade), Paz e Parceira – refletidos nas determinações do Jubileu e do Sábado de Levítico? O que precisamos para garantir que o lançamento dos Objetivos Globais traga liberação e não opressão, e permitam que a humanidade floresça, sem ser à custa da terra?

11. Reflexão final

Deixe algum tempo para reflexão sobre sua jornada compartilhada ao longo destes estudos bíblicos? Como você vê as Boas Novas do Reinado e as Cinco Marcas da Missão refletidas nos 5Ps dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável? Que ações você decidiu tomar? Compartilhe suas experiências conosco, usando o formulário de feedback fornecido. Envie para Anglican.Alliance@aco.org.

Visão do jubileu

Na maioria das igrejas cristãs, a parte que é mais lida de Levítico é a Lei de Santidade, especialmente o capítulo 25, que contém as leis sobre o Ano Sabático e o Jubileu. Aqui lemos sobre os direitos à terra e moradia (versículos 23 – 34), a libertação dos escravos e o perdão das dívidas (versículos 35 a 55). Lemos sobre o descanso completo da terra a cada sete anos (versículos 1-7). E lemos sobre a sagração do quinquagésimo ano como um jubileu (versículos 8-24), quando “apregoareis liberdade na terra a todos os seus moradores” (versículo 10).

Todos estes, são também temas contemporâneos e este texto levítico lança luz sobre a luta das pessoas que não têm acesso à terra, à moradia ou à liberdade. Também nos direciona a uma posição sobre a questão da dívida internacional dos países mais pobres do mundo e suas sérias consequências para as pessoas que vivem nestes tempos de extrema desigualdade. Levítico 25 também aborda a necessidade de descanso e restauração da terra, para o bem de toda a criação.

Uma tristeza deste texto é que ele não clama pela liberação das/os escravas/os estrangeiras/os. Como sempre, precisamos ler o Antigo Testamento através da lente redentora do Evangelho de Jesus, que anunciava a liberdade de todas as pessoas da opressão (ver Lucas 4).

Como vimos na sessão 2, ao anunciar “o ano aceitável do Senhor” (Lucas 4:8-19.21), Jesus assume o projeto do Jubileu como seu, ecoando o profeta Isaías (61:1-2).

“Quando tiverdes entrado na terra...”

O capítulo começa com instruções para um descanso sabático para a terra. O autor do Levítico atribui a Moisés e ao Senhor esta instituição de um descanso para as terras agrícolas a cada sete anos. Esse descanso é uma prática conhecida dos produtores que cultivam lotes menores de terra, para manter sua fertilidade. Mas a prática que o Levítico descreve ou inventa é peculiar. Não se refere a um rodízio de plantações ou de deixar os campos em repouso, mas de uma prática a ser observada a cada sete anos que engloba toda a terra.

O texto é acentuadamente teológico, ensinando uma visão de Deus e sobre Deus. Esse tempo de descanso provém de Deus e é dedicado a Deus, que ficará responsável por alimentar seu povo, como fez no deserto (Ex. 16). Em uma visão grandiosa e ousada, o autor unifica o descanso do Senhor (Gn. 2.2), o resto das pessoas e dos animais, e o descanso

da terra. Nesse profundo respeito pela terra, com seus direitos garantidos por Deus, este texto soa como uma nota ecológica nos tempos modernos. O povo de Deus precisa reconhecer e respeitar as necessidades de sua terra, que é a terra de Deus.

Jubileu

A coisa mais importante é ver que o descanso da terra é inseparável da libertação dos escravos e do perdão das dívidas. Juntas/os, eles significam um “reinício” – a restauração das pessoas e da terra à sua condição original. O Jubileu oferece uma maneira eficiente de evitar o acúmulo de terras e riquezas, e também o enriquecimento de um pequeno grupo à custa da maioria. Nos valores morais e econômicos que servem de base para as determinações do Jubileu, encontramos uma denúncia profética dessa prática e exploração.

Este capítulo se preocupa profundamente em não prejudicar as outras pessoas ou a terra. A terra pertence a Deus e é dada para a humanidade para a lavoura e a guardar (Gn 2:15). Supostamente, deveríamos cuidar de todas as formas de vida, mas nossa atividade econômica tem destruído o habitat de muitas espécies animais e vegetais. Além disso, devido ao pecado das estruturas da sociedade, as pessoas são exploradas e forçadas a negociar ou vender suas terras para pagar dívidas.

Por trás das leis do Jubileu está a memória do resgate – tanto da terra como do povo de Deus... de Deus restaurar-lhes a liberdade. O Jubileu fornece uma norma tanto social como econômica para reverter a desigualdade que transforma a terra e as pessoas em commodities.

Deus é o Deus da libertação. Esta lembrança é fundamental para entender este texto.

APÊNDICES



APPENDICES

Apêndice 1

Como surgiram estes estudos bíblicos

Em uma reunião dos Primazes Anglicanos, a Aliança Anglicana foi solicitada a trabalhar com as províncias da Comunhão em recursos teológicos e estudos bíblicos para conectar os Objetivos Globais com nosso entendimento da missão holística e para identificar e compartilhar as abordagens mais eficazes. Essencialmente, a Aliança Anglicana foi convidada a ouvir e aprender com toda a Comunhão sobre como as igrejas estão se engajando nos Objetivos Globais no contexto de sua própria visão de missão. Essa inspiração levou à criação de materiais que buscam estabelecer um diálogo entre as Marcas da Missão Anglicana e os Objetivos Globais – um recurso que ajudaria as pessoas a explorar a pergunta: como gerar um novo tipo de narrativa que veja as principais ideias teológicas, como profecia, discipulado, missão, justiça, libertação, jubileu, abundância, lamento, arrependimento e relacionamentos restaurados no âmbito de nosso discurso sobre os objetivos?

A Leitura Popular da Bíblia ou Estudos Contextuais da Bíblia são um meio poderoso para envolver as pessoas na reflexão de seu contexto atual sob a luz das Escrituras. A Aliança Anglicana, portanto, buscou uma parceria com o Centro Ujamaa, sediado na Escola de Religião, Filosofia e Clássicos da Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul, que foi pioneiro no trabalho do Estudo Contextual da Bíblia na África, tendo bebido também da fonte no Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos no Brasil. Sua abordagem e seus compromissos se baseiam na teologia da libertação, particularmente na Teologia Negra da África do Sul e na Teologia Contextual da África do Sul. Trabalhando com comunidades de pessoas pobres, da classe trabalhadora e marginalizadas, o Ujamaa utiliza recursos bíblicos e teológicos para catalisar a transformação social e individual. O conceito e a prática da práxis – o ciclo de ação e reflexão – estão no centro de sua abordagem.

A Aliança Anglicana também se dirigiu a teólogos/os, estudiosas/os da Bíblia e profissionais de desenvolvimento em todo o mundo para se reunir para um encontro, coorganizado com o Centro

Ujamaa. O grupo se reuniu em Pietermaritzburg, na África do Sul, em setembro de 2019, e continuou a trabalhar em conjunto online para refinar e testar estes estudos bíblicos.

E então a pandemia chegou, no início de 2020. Como muitas outras organizações, a Aliança Anglicana teve que se adaptar rapidamente e voltar a se concentrar em suas prioridades de trabalho mais imediatas. Durante o resto do ano, a Aliança se ocupou em conectar e equipar a família anglicana em todo o mundo para responder à pandemia, inclusive com a criação de uma série de estudos bíblicos sobre Covid-19 (*A Fé em Tempos de Covid-19 – 1* e *A Fé em Tempos de Covid-19 – 2*). Por necessidade, tivemos que colocar estes estudos bíblicos sobre os ODS em espera, embora com muita relutância.

À medida que a pandemia continuou, a relevância destes estudos bíblicos se tornou ainda mais aparente. A pandemia causou enormes dores pessoais e perdas econômicas; as injustiças sobre quem tem acesso a recursos, assistência médica e vacinas ficaram muito óbvias. Mas, para muitas pessoas no mundo, isso não é novidade. A desigualdade, a pobreza e a injustiça já eram parte da realidade diária vivida por milhões de pessoas. A pandemia expôs e exacerbou o que já estava ali. E as pessoas em toda parte têm questionado esta realidade e perguntado como podemos reconstruir melhor, reimaginando e remodelando nosso mundo para que ele se assemelhe mais ao reinado de Deus

Assim, quando começamos a sair da pandemia, nos determinamos a finalizar este recurso, o qual esperamos que ajude as pessoas a abordar esta questão de forma profunda e significativa. Fizemos algumas pequenas adaptações aos materiais, à luz da pandemia e outros eventos recentes, mas a maior parte continua inalterada porque – como dissemos – as realidades subjacentes já estava lá.

Contudo, a pandemia aumentou a urgência de enfrentar a desigualdade e a pobreza globais e de garantir a integridade da criação. A pandemia deixou

muito claro o quanto as pessoas, o planeta e a prosperidade estão profundamente conectados. Os paralelos entre o coronavírus e a mudança climática são óbvios. Ambos são invisíveis e sentidos por meio de seus impactos. Ambos afetam a todas as pessoas da terra, mas têm um impacto desproporcional sobre as que já são vulneráveis, as pobres e marginalizadas. Ambos são mortais e moldarão nosso mundo por décadas.

Este é o contexto no qual agora lançamos estes estudos bíblicos. Eles continuarão a evoluir com as mudanças em nosso contexto, porque nossa realidade vivida está sempre no coração do Estudo Contextual da Bíblia.

Apêndice 2

A Equipe Criativa

A Aliança Anglicana tem uma profunda gratidão com a equipe de teólogas/os, estudiosas/os da Bíblia e profissionais de desenvolvimento de todo o mundo que criaram estes estudos bíblicos.

Aqui estão elas/eles, listados em ordem alfabética:

Reva. Con. Rachel Carnegie, Aliança Anglicana

Rev. Prof. Sathianathan Clarke, Wesley Theological Seminary, Washington, Estados Unidos

Reva. Dra. Beverley Haddad, Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul

Rev. Mércio Langa, Diocese de Lebombo, Moçambique / Ujamaa Centre, Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul

Prof. Edgar Antonio López López, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colômbia

Lina Magallanes, Conselho Anglicano da Missão, Austrália

Rev. Mote Magomba, Igreja Anglicana da Tanzânia

Revma. Dra. Gloria Mapangdol, St Andrew's Theological Seminary, Cidade Quezon, Filipinas

Rev. Helder Luis Carlos Mapanzene, Ujamaa Centre, Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul

Prof. Esther Mombo, St. Paul's University, Limuru, Quênia,

Rev. Sabelo Mthimkhulu, Igreja Anglicana da África do Sul; Ujamaa Centre, Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul

Dra. Elizabeth Perry, Aliança Anglicana

Rev. John Plant, Christian Aid

Rev. Simlindlele Qotoyi, Ujamaa Centre, Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul

Prof. Paulo Ueti, Aliança Anglicana

Prof. Gerald West, Ujamaa Centre, Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul

Rev. Sithembiso Zwane, Ujamaa Centre, Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul

A foto do grupo de trabalho encontra-se na página 8.

Apêndice 3

Sugestão de uma estrutura litúrgica para ECB

A melhor forma de conduzir um Estudo Contextual da Bíblia é em um ambiente espiritual e litúrgico. Aqui, oferecemos algumas ideias sobre como criar um espaço sagrado e momentos litúrgicos de lamento, arrependimento, esperança e chamado à ação. Estas etapas sugeridas podem ser entrelaçadas ao longo de seu tempo, de acordo com seu contexto.

Espaço Sagrado

“Não te chegues para cá; tira os sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa”. (Êxodo 3:5)

Antes da sessão, prepare o espaço da reunião. Arrume a sala em círculo, se possível. Coloque alguns símbolos sagrados na sala. É interessante incluir alguma coisa adequada ao tema do texto ou estudo bíblico.

Lamento

Até quando te esquecerás de mim, SENHOR? Para sempre? Até quando esconderás de mim o teu rosto? Até quando consultarei com a minha alma, tendo tristeza no meu coração cada dia? Até quando se exaltará sobre mim o meu inimigo? (Salmo 13)

Quais são as nossas tristezas? O que nos falta? Dedique um tempo ao lamento – para reconhecer as dificuldades em sua vida e em sua comunidade, igreja, país, continente ou mundo. Unam suas vozes ao lamento global, “porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:22-23). Organize ou declame junto com o grupo uma ladainha ou um salmo e aproveite alguns momentos para orar individualmente e em grupo.

Arrependimento

... Mas contigo [Senhor] está o perdão, para que sejas temido. (Salmo 130)

Somos chamadas/os a reconhecer nossos caminhos errados e a crescer para sermos uma parábola do Reinado de Deus. Somos chamadas/os a ser como Jesus: “De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus...” (Filipenses 2:5).

Organize um momento em que todas/os participantes do grupo de estudo bíblico possam compartilhar orações e/ou sinais de arrependimento. Escreva, compartilhe símbolos, continue em oração.

Esperança

Contra toda esperança, em esperança crer (Romanos 4:18) faz parte da forma de vida das pessoas cristãs. Resistência contra os “poderes da opressão” e resiliência para manter uma esperança ativa são as Marcas da Missão para nós. Vamos dedicar um momento para sonhar e planejar como fazer nossos sonhos se tornarem realidade. Um sonho sonhado sozinho é um sonho. Um sonho sonhado junto é realidade.

Chamado à Ação

Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a benignidade, e andes humildemente com o teu Deus? (Miquéias 6:8).

Somos chamados a FAZER alguma coisa. Sugerimos que você reserve algum tempo ao final para compartilhar lições aprendidas com o estudo bíblico e discutir o que vocês são chamadas/os a fazer. O que vocês acham que você e sua comunidade podem fazer à luz do que foi aprendido ou provocado no estudo bíblico?

Apêndice 4

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável – sucessores dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

Quais eram os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM)?

Lançados em 2000 para direcionar o progresso global para a pobreza, educação, saúde, fome e meio ambiente, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio das Nações Unidas foram um marco para o compromisso global com uma visão para erradicar a pobreza. Eles terminaram em 2015 e foram substituídos pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Os ODM eram:

1. Erradicar a extrema pobreza e a fome
2. Universalizar a educação primária
3. Promover a igualdade de gênero e a autonomia das mulheres
4. Reduzir a mortalidade na infância
5. Melhorar a saúde materna
6. Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças
7. Assegurar a sustentabilidade ambiental
8. Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento

Como a Comunhão Anglicana se relaciona aos ODMs dentro de sua missão holística e integral?

Diversas províncias em toda a Comunhão se engajaram com os ODMs como uma estrutura para ajudá-las a dar corpo à sua resposta prática à missão holística e integral da forma expressa nas Marcas da Missão Anglicana – para a ação social ao lado da proclamação, que é parte integrante do autêntico discipulado cristão.

Em muitas partes do mundo, as igrejas anglicanas eram agentes importantes na promoção dos ODMs: no acesso à educação, redução da pobreza, desenvolvimento das mulheres, proteção ambiental, combate ao HIV/AIDS, malária e TB, promovendo a saúde materna e reduzindo a mortalidade infantil, e trabalhando em parceria com outras pessoas. As pessoas anglicanas, junto com outras comunidades de fé, têm uma rica narrativa a fazer sobre o trabalho como parceiras ativas nos ODMs e, em alguns lugares, incluindo áreas de conflito, às vezes assumindo a liderança como defensoras e implementadoras. Essas igrejas frequentemente eram

apoiadas nesse trabalho pela missão Anglicana / Episcopal e agências de desenvolvimento, bem como por doações ecumênicas, bilaterais e da ONU.

Anglicanas/os relacionaram os ODMs com o chamado evangélico para agir, bem como para falar das Boas Novas, citando escrituras, como: Lucas 4: 18-19 (“pregar boas novas aos pobres...”); João 10:10 (“eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente”); Mateus 25: 40 (“... o que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram”).

O comprometimento e a ação em torno dos ODMs foram expressos em uma série de sínodos e coletivamente de muitas formas, incluindo:

- **2007 TEAM (Towards Effective Anglican Mission) Conference** na África do Sul, conduzido pelo Arcebispo Ndungane da África do Sul. 400 delegados trabalharam com suas igrejas em ajuda, desenvolvimento e defesa, reunidos em Joanesburgo para uma conferência com foco na resposta teológica e prática da Comunhão Anglicana aos ODMs. Na conferência, o Arcebispo Ndungane disse: “Temos aqui pessoas de Deus, reunidas no contexto de oração e reflexão teológica, compartilhando experiências e visões diferentes sobre questões sociais específicas, renovando o compromisso e as capacidades da igreja para responder ao chamado de Deus ao serviço no século 21. Esta conferência nos oferece uma oportunidade de nos debruçar sobre o problema da pobreza e de nos posicionarmos como parceiros significativos na agenda global de desenvolvimento. A missão vem de Deus. A missão é a forma de Deus de amar e salvar o mundo... Portanto, a missão jamais será nossa invenção ou escolha”. (Conferência de Lambeth 1998, Seção II p.121). “A iniciativa na missão é de Deus, não nossa. Somos chamados simplesmente a servir à missão de Deus com a vivência e proclamação das boas novas.”
- **Caminhada do Testemunho da Conferência de Lambeth** de 2008 realizada pela/os bispas/os e cônjuges até Westminster, dirigida pelo então Primeiro-Ministro do Reino Unido, Gordon Brown. A Caminhada do Testemunho reafirmou o chamado Miquéias: “pratique a justiça, e ames

a benignidade, e andes humildemente com o teu Deus (Miquéias 6:8), convocando os governos a honrar seus compromissos com os ODMs, e destacando o compromisso das igrejas em apoiar esse trabalho.

- **Aliança Anglicana para o Alívio, Desenvolvimento e Incidência Pública:**
Nascida da visão dessas duas iniciativas, a Aliança Anglicana foi criada em 2011 para fornecer uma plataforma para compartilhar informações e capacidades e promover a colaboração em toda a Comunhão Anglicana sobre desenvolvimento, ajuda humanitária e *advocacy* em questões globais, como a justiça climática. Diversas conferências regionais da Aliança refletiram sobre o relacionamento entre as Marcas da Missão Anglicana e os ODMs. A Aliança Anglicana, junto com o CAPA (Conselho Anglicano das Províncias Anglicanas) e muitas outras organizações, se envolveram na defesa da formatação dos Objetivos Globais.

Quais são os Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável?

Lançados em setembro de 2015 na Assembleia Geral das Nações Unidas, depois de anos de intensa negociação pelos estados-membros e um forte lobby realizado por atores da sociedade civil, os Objetivos Globais são defendidos pelas Nações Unidas como objetivos globais para orientar o trabalho sobre desenvolvimento sustentável, pobreza e justiça climática, até 2030.

Eles têm características distintivas e levantam algumas questões importantes:

- São interconectados e, ao contrário dos ODMs, se dirigem às sociedades de todas as partes do mundo. Essa universalidade significa que todos os países precisam planejar e reportar seu progresso frente aos objetivos.
- Eles buscam demonstrar o terreno comum e compartilhado entre as agendas do meio ambiente e da pobreza – mas será necessário haver compensações (por exemplo, equilibrando as emissões de carbono com a criação de riqueza). Sua agenda de “crescimento” é contestada por algumas pessoas.
- Em cada contexto/país, os governos e outros atores precisaram estabelecer estratégias para as prioridades, pois seria difícil trabalhar nos 17 objetivos de uma só vez.

- Não existe financiamento para os Objetivos Globais, mas ele precisará incluir políticas públicas, ambientes regulatórios (incluindo justiça tributária), acordos comerciais, não apenas a Ajuda Pública ao Desenvolvimento (APD) tradicional. A Conferência das Nações Unidas sobre Financiamento para o Desenvolvimento, realizada em Adis em 2015 não chegou a uma conclusão adequada sobre como os Objetivos Globais seriam financiados.
- Os Objetivos Globais se baseiam nas melhores evidências disponíveis. O mundo sabe muito melhor hoje do que há 20 anos o que pode alcançar o desenvolvimento sustentável e acabar com a pobreza extrema em nossa geração. Os Objetivos Globais também têm uma série de indicadores detalhados e podem viabilizar uma medição forte.
- 17 é considerado um número “bom” por algumas pessoas, como se pensa, e não apenas uma lista convenientemente numerada!

Quem/o que os Objetivos Globais pretendem influenciar?

Eles visam influenciar os orçamentos e políticas dos países, normas sociais mais amplas sobre direitos e deveres dos governos e outros, volumes e prioridades de ajuda, etc.

Oportunidades para a Igreja se engajar com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

Embora existam limitações e preocupações sobre os Objetivos Globais, também está claro que eles irão cada vez mais dominar o discurso global, especialmente a partir de 2020, quando falta apenas uma década para atingi-los. Da mesma forma que os ODMs, a Igreja e outras comunidades de fé são reconhecidas por desempenhar um papel de protagonista na implementação e também no acompanhamento e na responsabilização dos governos – bem como na construção de uma estrutura de valores que reflita nossos compromissos teológicos sobre justiça e florescimento humano. A Conferência TEAM de 2007 concluiu em face dos ODMs, a Igreja deve se perguntar: “Quem está sendo esquecida/o?” uma vez que as metas eram porcentagens. É justo dizer que a voz moral da Igreja em resposta aos ODMs ajudou a influenciar um princípio orientador na definição dos Objetivos Globais – de que “ninguém fique para trás”. Foi proposto o enquadramento dos objetivos em 5 áreas mais fáceis de lembrar, que pode ajudar a Igreja a desenvolver um movimento coerente.

Pessoas – os objetivos são determinados para erradicar a pobreza e a fome, em todas as suas formas e dimensões, e garantir que todos os seres humanos possam realizar seu potencial em dignidade e igualdade e em um ambiente saudável.

Planeta – existe a determinação de proteger o planeta da degradação, incluindo por meio do consumo e produção sustentáveis, com a gestão sustentável de seus recursos naturais e a adoção de ações urgentes contra a mudança climática, de forma a poder apoiar as necessidades das gerações do presente e do futuro.

Prosperidade – os objetivos têm o desejo de garantir que todos os seres humanos possam desfrutar de vidas prósperas e gratificantes e que o progresso econômico, social e tecnológico ocorra em harmonia com a natureza (a Igreja também precisa retomar o termo de prosperidade do reducionismo do “Evangelho da Prosperidade”).

Paz – Eles reconhecem que a promoção de sociedades pacíficas, justas e inclusivas, livres do medo e da violência permitirá que as pessoas floresçam.

Parceria – da mesma forma que com os ODMs, existe um claro desejo articulado de trabalhar em parceria e os documentos destacam o papel essencial da comunidade de fé.

Campanha Reimagine nosso Mundo: Reimaginar. Reconstruir. Renovar.

A Campanha “Reimagine Nosso Mundo” foi encomendada pelo Comitê Permanente do Conselho Consultivo Anglicano. Lançada na Conferência de Lambeth de 2022, é uma campanha que abrange toda a Comunhão Anglicana, que deve ser desenvolvida em consulta com uma série de partes interessadas da Comunhão e do mundo. Ela visa realizar atividades contínuas e a colaboração por toda a Comunhão, sob uma bandeira comum com mensagens compartilhadas. Ela envolverá províncias, dioceses, igrejas, comunidades e agências que compartilham a identidade anglicana e parceiros que compartilham nossa missão em comum.

Os próximos 10 anos exigirão esforços de todos os setores da sociedade para não somente reimaginarmos nosso mundo – mas também para reconstruirmos e renovarmos nossas comunidades. Se não formos determinados durante este período, corremos o risco de “reconstruir o mesmo” – que é um mundo que enfrenta uma crise climática, com pobreza, desigualdade e injustiça desenfreadas. A Comunhão Anglicana, em todas as suas manifestações, tem a oportunidade de mudar essa narrativa e efetuar mudanças – com ação determinada e estratégica, fundamentada em nossa fé e nas Cinco Marcas da Missão, e inspiradas pela visão transformadora da Agenda 2030.

Para mais informações sobre a Campanha Reimagine nosso Mundo, entre em contato com:

- Comunhão Anglicana na Sede das Nações Unidas – un.rep@anglicancommunion.org
- Aliança Anglicana – Anglican.Alliance@aco.org

“Na ressurreição de Jesus, Deus acende uma chama que nos chama à justiça, para viver em humilde generosidade, para transformar nossas sociedades. Depois de tanto sofrimento, tanto heroísmo dos trabalhadores... tanto esforço, quando esta epidemia for derrotada aqui e no mundo, não podemos nos contentar em voltar ao que era antes como se fosse normal. Precisa haver uma ressurreição de nossa vida em comum, algo tenha ligação com o velho, mas seja diferente e mais bonito. Temos que sonhar com isso, porque é um dom de Deus. Então, temos que construir em parceria com Deus”.

Arcebispo Justin Welby, Sermão da Páscoa, 2020.

Apêndice 5:

Declaração do Arcebispo da Cantuária sobre a Adoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

“Recebo calorosamente o anúncio de hoje de que os membros da Assembleia Geral das Nações Unidas adotaram uma agenda ambiciosa para combater a pobreza, a desigualdade e a injustiça e a mudança climática nos próximos quinze anos.

“A Humanidade é chamada à justiça, à compaixão e a se colocar ao lado dos pobres. Se enraizarmos nossa resposta às aflições da extrema pobreza e outros grandes problemas globais nesses valores, podemos garantir que os Objetivos Globais para o Desenvolvimento Sustentável forneçam uma visão e uma estrutura através da qual todas/os nós possamos desempenhar um papel no trabalho para um mundo mais justo, no qual todas/os tenham a oportunidade de florescer e onde ninguém fique para trás.

“Nossa resposta, hoje e nos próximos anos, deve procurar seguir o modelo sacrificial de amor e liderança serviçal que é demonstrado perfeitamente na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo. Os poderosos são chamados a servir, os ricos a dar, e os vulneráveis a serem acalentados, para que possam florescer e permanecer fortes

“A Comunhão Anglicana global procurou modelar este exemplo em sua resposta aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio – em muitas partes do mundo prestando serviços de saúde e educação, que ajudaram a melhorar o acesso à educação, reduzir a mortalidade infantil e materna, e ajudaram a virar a jogada para o HIV/AIDS e outras doenças. Em lugares de instabilidade e conflito, é sempre a igreja – junto com outras comunidades de fé – a única instituição que sobrevive para oferecer fé, alívio e apoio a quem mais precisa.

“Temos que trabalhar juntas/os para redobrar nossos esforços para banir a extrema pobreza e a desigualdade globais de nosso meio. Quando reconhecemos a dignidade dada por Deus em cada pessoa em nosso mundo, somos impelidos a chegar até elas com amor, custe o que custar.

“Faço eco a exortação do Papa Francisco de que “nunca se deve esquecer que a atividade política e econômica só é eficaz quando é entendida como uma atividade prudencial, guiada por um conceito perene de justiça e constantemente consciente... [de que] estamos lidando com mulheres e homens reais que vivem, lutam e sofrem, e muitas vezes são forçadas/os a viver em grande pobreza, privados/as de todos os direitos.”

“Sem essa resposta de todas/os as/os envolvidos nessa empreitada – governos, o setor privado, comunidades de fé, sociedade civil e o público, corremos o risco de ficar aquém do que é exigido de nós, e de comprometer o grande progresso feito através dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

“Minha oração hoje é para que todas/os nós tenhamos a coragem de viver para o bem comum; a agir com justiça, a amar a misericórdia, e caminhar humildemente em busca de um mundo livre da pobreza e da injustiça.

Justin Welby, Arcebispo da Cantuária

Notas:

